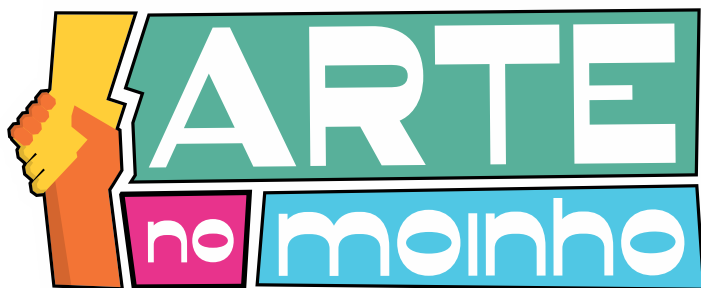


Encontros

Aline Zilli

Marcio Silveira dos Santos

Jonas Piccoli (Org.)



Encontros

Aline Zilli

Marcio Silveira dos Santos

Jonas Piccoli (Org.)



Realização



Patrocínio



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA





ARTE no moinho

Realização



Patrocínio



Financiamento



RIO GRANDE DO SUL



Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul
e Grupo Ueba apresentam

ARTE no moinho

Realização

GRUPO
Ueba
Produtos Notáveis



Moinho
da Cascata

Patrocínio

FORTY
ATACADISTA



Central
de Rações



Financiamento

PRO
cultura



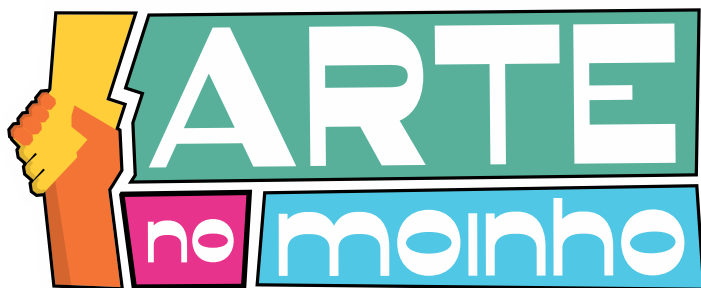
GOV. PAULO TARSO
RIO GRANDE DO SUL

Ueba

Grupo de Produtos

Produtos
Notáveis





Encontros

Aline Zilli

Marcio Silveira dos Santos

Jonas Piccoli (Org.)



Realização




Patrocínio



Financiamento



GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE CULTURA



Arte no Moinho - Encontros - por Aline Fernanda Zilli, Márcio Silveira dos Santos e Jonas Marcel Piccoli (ORG) - Caxias do Sul - 1ª Edição - Julho de 2025

Editoração e Diagramação - **Editora Ueba**

Proponente projeto - **Produtos Notáveis Empresa de Teatro Ltda**

Direção Administrativa - **Cristine Marquette**

Coordenação do Projeto - **Aline Zilli**

Organização e Coordenação Editorial - **Jonas Piccoli**

Fotografia - **Giovani Boff**

Identidade visual do projeto - **Aeroplano**

Publicação integrante do projeto ARTE NO MOINHO - 2025

Realização: Grupo Ueba Produtos Notáveis e Centro Cultural Moinho da Cascata - **Financiamento:** Lei de Incentivo à Cultura do Rio Grande do Sul (LIC Pró-Cultura RS) - **Patrocínio:** Fort Atacadista, Central de Rações e Redemac Docasa

Todos os direitos reservados a Editora Ueba Ltda

Contatos: (54) 98118 5152 - ueba@grupoueba.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arte no Moinho - Encontros / Márcio Silveira dos Santos / Aline Zilli / Jonas Piccoli (Org.). - Caxias: Editora Ueba, 2025.
116p.; 14cm x 21cm.

1. Teatro Brasileiro - História e crítica.
2. Teatro de rua 3. Santos; Márcio Silveira dos.
- I. Título

CDD 792.9(869.9209)
CDU 792(981)





Apresentação

Arte no Moinho – um projeto de encontros

Por Aline Zilli e Jonas Piccoli

Ao celebrarmos os 20 anos do Grupo Ueba, sentimos a necessidade de olhar para a nossa trajetória com generosidade, mas também com desejo de reinvenção. Estávamos certos de que este seria o momento de abrir mais espaços de escuta e troca, e ampliando nossa relação com a comunidade. Foi assim que nasceu o projeto Arte no Moinho 2025: como um gesto de celebração e, ao mesmo tempo, de reinvenção. Um convite para descer da estrada e pisar com mais calma no chão fértil do Moinho da Cascata.

O Moinho da Cascata é um patrimônio histórico de Caxias do Sul (RS), construído no final do século XIX às margens do Arroio Tega. Por muitos anos, foi um espaço de trabalho e moagem de grãos da comunidade local. Atualmente, abriga um centro cultural ativo, fora do eixo central da cidade e com programação diversificada. Desde 2014, temos o privilégio de desenvolver ações culturais no espaço, buscando valorizar sua história e ampliar seu acesso à comunidade, interligando cultura, educação e turismo.

Foi nesse cenário que o projeto Arte no Moinho se desenrolou: ora ao ar livre ora entre as paredes centenárias do prédio, diante de uma queda d'água de quase 40 metros. A cada nova data, maior a certeza da relevância do projeto: o espaço se mostrava cada vez mais versátil, o público crescia e retornava, e os encontros entre artistas se aprofundavam, criando laços para colaborações futuras.

Ao longo de duas décadas de atuação, o Grupo Ueba consolidou uma linguagem cênica própria, com espetáculos autorais que mesclam comicidade, crítica social e forte diálogo com o público. Levamos teatro para praças, escolas, ruas e palcos do Brasil e da América Latina, sempre atentos à acessibilidade, à inclusão e à potência do encontro. Neste momento era a hora de estreitar os laços em nossa aldeia.

Neste projeto, os momentos de intercâmbio mediados pelo pesquisador Márcio Silveira se tornaram um dos maiores legados deste projeto. Com seu olhar atento ele foi pontuando convergências e singularidades, estimulando a reflexão coletiva entre os envolvidos. Márcio acompanhou cada etapa registrando os processos e consolidando em texto a memória dessa experiência, agora compartilhada nesta cartilha.

Entre uma apresentação e outra, vivemos experiências marcantes como artistas superando limites físicos para estar em cena, plateias rindo ou emocionadas, crianças descobrindo novas linguagens e se encantando pela arte. Também observamos as famílias ocupando o espaço com naturalidade, sejam os espetáculos, frequentando a biblioteca ou interagindo com os artistas.

O projeto Arte no Moinho reafirma algo que sempre acreditamos: a arte é mais potente quando é vivida em

comunidade. Esta publicação é, portanto, mais do que um relatório: é um retrato singular e afetivo de um projeto que se firmou como um marco para o grupo Ueba, para os artistas envolvidos e para o público que nos acompanhou nestas dez apresentações.

Esperamos que, ao ler este material, você possa acessar um pouco da atmosfera que vivemos juntos. Que os registros inspirem novos encontros e fortaleçam conexões. Que a arte continue girando e, tal qual os moinhos, transformando energia em criação e cada encontro em novas possibilidades.

Boa leitura.



Aline Zilli construiu sua trajetória no teatro, produção e gestão cultural nas artes cênicas desde 2004. É fundadora do Grupo Ueba Produtos Notáveis, com o qual apresentou espetáculos em todas as regiões do Brasil e em quatro países. Atualmente, coordena o Centro Cultural Moinho da Cascata, sede do Grupo Ueba. Sua experiência inclui ter presidido o Conselho Municipal de Cultura em 2020 e exercido o cargo de Secretária Municipal de Cultura de Caxias do Sul entre 2021 e 2022.

Jonas tem formação acadêmica em Produção Cênica e Especialização em Literatura Infantil e Juvenil. Destaca-se como escritor, dramaturgo, diretor e ator. Em 2004, fundou o Grupo Ueba Produtos Notáveis, iniciando uma jornada profissional que o levou a escrever, dirigir e atuar em diversas peças de teatro. O alcance de seu trabalho vai além das fronteiras brasileiras, atingindo plateias em países como Venezuela, Itália, Chile e Uruguai.

Um olhar sobre a Produção do Projeto Arte no Moinho - 2025

Por Aline Zilli

O projeto Arte no Moinho nasceu no primeiro semestre de 2024, a partir do desejo de ativar o espaço do Moinho da Cascata com ações cênicas que conectassem comunidade, artistas e território. Na equipe de concepção, estávamos eu, Aline Zilli, Jonas Piccoli e Cristine Marquette, que assumiu a direção executiva. Idealizamos uma proposta que contemplasse espetáculos gratuitos, acessibilidade, trocas artísticas e aproximação com o público. Protocolado via Lei de Incentivo à Cultura do Estado, o projeto teve aprovação técnica, mas enfrentou, como muitos outros, a lentidão na confirmação de patrocínios – o que exigiu paciência, coragem e uma boa dose de improviso.

Com os recursos confirmados, partimos para a etapa seguinte: fechar a programação. E aí vieram os primeiros desafios práticos. Agendar dois espetáculos por final de semana, de grupos diferentes, conciliando disponibilidade de agenda e o uso do espaço, foi quase um jogo de quebra-cabeça. Após definirmos a grade, ainda enfrentamos remarcações solicitadas por parte dos grupos, que exigiram da produção um malabarismo logístico, sem perder o bom humor.

A estreia aconteceu em fevereiro, com o Grupo Ueba abrindo a temporada com seu Circo ZeZ, seguido por O Lançador de Foguetes, do grupo convidado De Pernas Pro Ar, de Canoas. Março chegou com

novas companhias e novos públicos. Vieram o encantamento medieval de O Cavaleiro e o Dragão do Tempo (Ueba) e as sombras poéticas da Cia Teatro Lumbra, de Porto Alegre, com Criaturas da Literatura. No terceiro fim de semana, mais um duo potente: O Incrível Caso do Sumiço das Letras (Ueba) e A Princesa Engasgada, do grupo Makki Produções, de Estância Velha.

Abril seguiu com o poético Mapa para Brincar (Ueba) e a irreverência de Faixa de Graça, do grupo Ritornelo de Teatro, de Passo Fundo. O encerramento, em clima de festa e intensidade, ficou por conta das Aventuras do Fusca à Vela (Ueba) e da força cênica de M.E.D.E.I.A, com a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, de Porto Alegre.

A divulgação começou tímida. A comunicação demorou a ganhar força no primeiro final de semana, mas as mídias integrantes do projeto ajudaram a virar o jogo. Cartazes espalhados por escolas, UBSs e CRAS foram fundamentais para atrair o público do entorno, especialmente de uma região de vulnerabilidade atendida pelo programa RS Seguro. E a resposta foi emocionante: moradores das redondezas passaram a ocupar o espaço com frequência, provando que ações simples e estratégicas podem gerar pertencimento real.

Um dos destaques foram os intercâmbios mediados pelo pesquisador Márcio Silveira. Os encontros entre os grupos participantes geraram trocas profundas sobre estética, processos criativos, dificuldades e conquistas, e os artistas saíram desses momentos com novas ideias e vínculos fortalecidos.

Ao longo dos meses, percebemos o crescimento gradual e orgânico do público. Famílias vinham num dia e voltavam no outro. Artistas locais compareciam para prestigiar grupos que não circulam com frequência pela Serra. E a cada apresentação, uma breve mediação inicial apresentava o projeto e o prédio do Moinho, criando contexto e conexão. Era comum ouvir do público que estavam

visitando o espaço pela primeira vez. Ver o Moinho ocupado por crianças, idosos, estudantes e artistas, circulando entre livros, jogos, rodas de conversa e espetáculos, foi, para a produção, a maior recompensa.

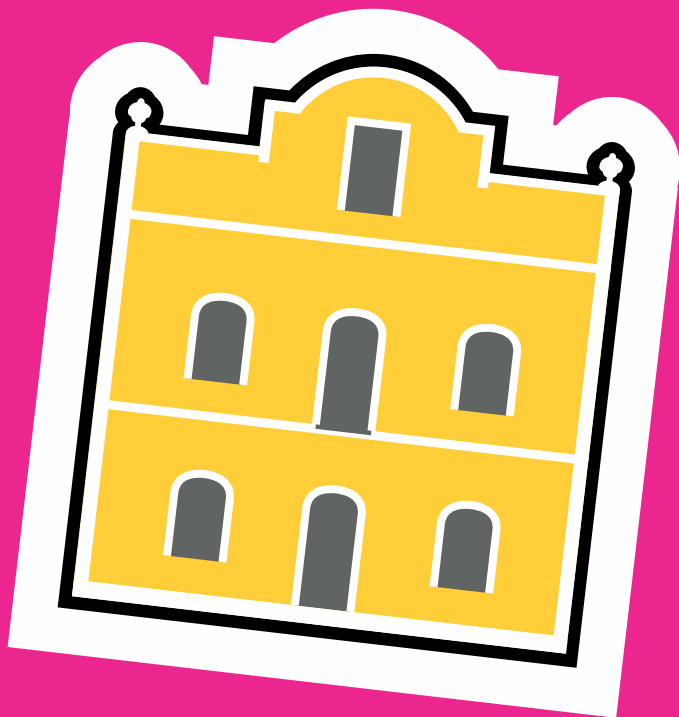
A logística também exigiu cuidados. A alternância entre apresentações ao ar livre e dentro do espaço coberto nos permitiu adaptar a programação conforme o clima. A equipe de recepção desempenhou papel fundamental: acolheu, orientou, distribuiu ingressos e garantiu que o público se sentisse bem-vindo.

A acessibilidade foi um compromisso desde o início. Todas as apresentações contaram com audiodescrição e incluíram Libras. Houve vivências sensoriais em que o público era convidado a assistir vendado, como forma de sensibilização. Em uma sessão, recebemos duas pessoas cegas. Em outras, crianças autistas. A intérprete de Libras sensibilizava a plateia antes do início, promovendo contato com a língua e a cultura surda. A presença da audiodescritora cadeirante e o uso digno do espaço adaptado foram sinais de que é possível – e necessário – fazer inclusão com cuidado e verdade.

A presença de fotógrafo e equipe de filmagem garantiu registros afetivos e técnicos do processo, ampliando o alcance do projeto e eternizando suas memórias. As imagens captadas são mais do que provas para prestação de contas – são janelas para reviver o que foi vivido ali: encontros, descobertas, encantamentos.

Esta publicação que você tem em mãos é o encerramento oficial do Arte no Moinho, mas também é, talvez, um ponto de partida. Um convite a revisitar memórias, inspirar novos projetos e reconhecer a força do fazer coletivo. Que esse registro sirva como fonte para pesquisas, desdobramentos e novas conexões. Porque quando a arte ocupa o território com verdade e afeto, o que se planta é sempre maior do que se colhe.





I Encontro

Grupo
De Pernas pro ar
Canoas - RS



ENCONTRO I – Da Lona do Circo ao Foguete Lançado.

Márcio Silveira dos Santos¹

Nesta primeira etapa-final de semana, tivemos no Centro Cultural Moinho da Cascata, o encontro entre o Grupo Ueba Produtos Notáveis, de Caxias do Sul (RS) e o Grupo De Pernas pro Ar, de Canoas (RS).

No dia 08 de fevereiro, um sábado ensolarado de calor escaldante do verão gaúcho, o Grupo Ueba apresentou às 17h, o seu espetáculo Circo ZeZ, que é parte do seu repertório desde 2014. No centro do espaço destinado para a encenação, se encontrava uma pequena lona de circo e alguns elementos de cena. A direita estava os instrumentos musicais, como uma guitarra, um tarol e um bumbo.

O Grupo foi fundado há 20 anos por Aline Zilli e Jonas Piccoli, sendo reconhecido pelas produções teatrais inovadoras, com contribuição significativa para a cena cultural da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul. Além do destaque reconhecido e premiado no teatro,

¹Márcio Silveira dos Santos é Pesquisador-docente, dramaturgo, ator, diretor. Pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas Cênicas: visuais e performativas – UNESP/CNPq. Pesquisador integrante do LATA - Laboratório de Teatro de Formas Animadas UNB - Grupo de Pesquisa com certificação CNPq. Possui Doutorado em Teatro pela UDESC, Licenciatura e Mestrado em Artes Cênicas pela UFRGS. Pesquisador colaborador da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisadores de Pós-graduação em Artes Cênicas.

com peças de produção autoral que já circularam por todas as regiões do Brasil e em outros países, o grupo tem incursão na literatura e no cinema.

Há 10 anos, o Grupo Ueba ocupa as instalações do Centro Cultural Moinho da Cascata (1891), um edifício histórico do patrimônio cultural de Caxias do Sul (RS) que foi tombado e revitalizado, combinando tradição e modernidade em meio à natureza e próximo da área urbana. O espaço permanece aberto ao público aos finais de semana, das 14h às 19h, contando com cafeteria, biblioteca infantil e infantojuvenil, área de jogos de tabuleiro, sala de exposição, espaço *garden* com *área pet friendly*, acessibilidade e inclusividade, além, é claro, do tradicional espaço destinado às artes cênicas.

O espetáculo de palhaçaria Circo Z e Z, versa sobre o universo circense vivido pelos dois palhaços: Zão e Zoraida, representados por Jonas Piccoli e Aline Zilli. A intensão da estrutura dramatúrgica em formato de quadros, gags, reprises e entradas, é propiciar a estes dois seres cômicos, um estado potente de comicidade que eleve a brincadeira circense a um modo latente de risos, em conjunto com os espectadores.

No início os dois palhaços, que se reencontram, resolvem brincar de circo. Mas, para tal, precisam de ideias de números de circo e então partem para a construção de possíveis cenas para apresentar. Ambos dão asas à imaginação e montam o circo com objetos e roupas que encontram em casa, como duas crianças em busca de diversão. Entre as suas grandes atrações, neste Circo ZeZ que vai ganhando forma, estão números de mágica e acrobacia, além de muitas atrapalhadas, como a impagável cena em que tentam domar um leão.

Partindo do conhecimento adquirido e experiência vividas com grandes mestres e mestras do circo, por Jonas Piccoli e Aline Zilli em mais de duas décadas trabalhando na seara circense, o espetáculo

ganha um volume ímpar de qualidade ao conseguir estruturar situações complexas, criadas a partir dos erros dos personagens, envolvendo a plateia de forma coesa. O riso é garantido do início ao fim. Podemos notar que há uma definição de quem é o Palhaço Augusto ou o Palhaço Branco, ou seja, aquele mais aéreo, que vai fazendo, criando a esmo, tentando soluções, mas, que em verdade só aumenta as dificuldades das cenas, sempre de forma mais atrapalhada e estabanada. E, há o que toma mais as iniciativas em organizar e chefiar o que se está fazendo, procurando corrigir os erros, ou pelo menos tentando amenizar os erros, pois o erro é fundamental para a provocação do riso e identificação do público para com o que está ocorrendo em cena.

Um dos grandes méritos dessa dupla de artistas do Grupo Ueba, é a capacidade de oscilar essas características marcantes da palhaçaria. Estes dois estados de emoção e ação variam entre os personagens conforme o quadro apresentado. Ora um é mais Augusto que o outro, ora um é mais Branco que o outro, de forma a levar a plateia ao delírio de algumas cenas que poderíamos dizer, aos dias atuais, que são desenvolvidas na velocidade “2x”.

Tudo está em cena. O jogo cômico se apresenta como uma estratégia para a produção do riso. São dois profissionais que conhecem os mecanismos da produção do riso leve e verdadeiro. A rapidez que os atores passam de uma situação para a outra e muitas delas envolvendo o espectador em cena, ou se jogando no meio do público, demonstra o quanto a arte circense é fundamental para a saúde pública nestes tempos pós-covid-19 e pós-enchentes, no Rio Grande do Sul.

A arte é necessária nos mais diversos espaços sociais, e a Ueba fez a sua parte com uma apresentação sincera e afetuosa, neste momento tão nevrálgico. De forma catalizadora, a apresentação estimulou o enlace do real e do imaginário em prol de permitir que ali,

na frente de um casarão centenário e dezenas de pessoas das mais diferentes idades, fosse possível o riso coletivo como parte intrínseca da vida. A provocação do riso alto da forma como testemunhamos, são poucos que conseguem na seara do circo. O Grupo Ueba com sua leitura primorosa do contexto social em que vivemos, constituiu uma encenação inspiradora, que por meio do lúdico e do universo espetacular do circo, aponta possibilidades para a construção de uma sociedade mais leve e alegre.









O Lançador de Foguetes

No dia 09 de fevereiro, um domingo também escaldante no verão gaúcho, às 17h, o Grupo De Pernas pro Ar, de Canoas (RS), apresentou o seu espetáculo O Lançador de Foguetes.

O Grupo De Pernas pro Ar, fundado em 1988, tem como marcas fundamentais a afirmação da linguagem do teatro de rua e do teatro de máquinas com experimentos curiosos e intrigantes, construídos a partir dos devaneios do inventor Luciano Wieser. Este ator-criador inventivo, por suas mirabolantes obras, recebeu o “Prêmio 2018 – Mestres das Maquinarias”. Wieser, com o uso de objetos descartados em ferro velhos, briques e quinquilharias, somados às provocações de tecnologias advindas dos dinâmicos Tayhú DW e Txai DW, somados pelo olhar crítico e mão sensível de Raquel Durigon, as construções trazem engenhosas engenharias de engenhocas, instrumentos musicais inusitados, bonecos/máquinas, autômatos e robotizadas, compondo as dramaturgias e estéticas inusitadas de seus espetáculos.

Nesse sentido, foi criado o espetáculo O Lançador de Foguetes, cujo personagem central, e único em cena, é um excêntrico e virtuoso cientista que segue à procura do lugar ideal para a excelência de sua experiência dita científica. Através do seu triciclo, recheado de elementos cênicos, calcula os fenômenos físicos que podem interferir na jornada de todos que o observam e produzem cenas cômicas. O

lançador, utiliza os malabares circenses e as engenhocas astrológicas para medir as distâncias, calcular o vento e, junto com a energia do público, faz o lançamento dos seus foguetes... como que ideias lançadas ao ar. Mas, nem sempre as medições, coordenadas insufladas em função das correntes marítimas ventais hexagonais, somadas à ação gravitacional do planeta em mudança e à energia materializada do pensamento, proporcionam um lançamento com excelência. E aí reside a grande ideia de Wieser e sua trupe de criadores incansáveis.

O trabalho é um solo, onde Luciano/lançador segue provocando situações cômicas com um fundo calcado na ciência séria. As cenas com muitas engenhocas que poderiam ter saído das instalações da NASA, ganham o tom de uma ciência mais acessível e praticável por todos. É como se tivéssemos uma aula bem didática de ciência e tecnológica no espaço público, aberto e democrático. O ator vai conduzindo os experimentos científicos, inicialmente sozinho, mas, depois, percebe que uma ajuda vai bem, e segue recrutando espectadores a cada nova situação.

A meta de lançar foguetes vai ganhando forma diante dos olhos do público, que acompanha esse excêntrico personagem cientista, que se baseia em alguns princípios da física quântica para mostrar que o pensamento também é energia que se materializa. Os espectadores vão se avolumando em cena, ora segurando uma peça importante no experimento, ora medindo o clima, a velocidade do ar, ajudando nos cálculos do personagem de Luciano Wieser.

Sem palavras, o cientista conquista parceiros que o auxiliam nesta jornada científica. Computa todas as informações e através de uma trilha sonora empolgante e curiosa lança seus foguetes ao ar. Durante os lançamentos, que geram grandes expectativas na plateia, é elevado o nível de adrenalina em todos, promovendo uma potente comunhão entre o público, o ator e os ajudantes do lançador. É a prova

real de que a ciência salva, até pelo sorriso desenfreado nas situações mais cômicas. Os corpos físicos vibram e se emocionam com as possibilidades de transformação. A demonstração do quanto tudo pode ser transformador e salutar para as relações humanas, é um dos destaques do trabalho do grupo.

Em conluio com a linha circense deste final de semana do Projeto Arte no Moinho, o espetáculo além de ter sido concebido para intervir também no espaço urbano, é conduzido pelo excêntrico cientista, com a colaboração de diversos elementos de circo. Há a utilização do Diabolô, um tipo de malabares ilusionista, bolinhas de malabarismo, equilibrismo, bambolês, cordas de pular, equilíbrio de objetos, de várias outras traquitanas que de alguma forma conseguem trazer para a cena alguns princípios da física quântica. A física das possibilidades, mostra que o pensamento também é energia que se materializa na cena teatral conduzida com proeza e consistência pelo grupo.

Quem vê aquele personagem, que parece ter saído de outra dimensão estelar, ou de um laboratório ultrassecreto de outra dimensão do multiverso, pilotando o seu Triciclo, não imagina que tudo sairá do estranho veículo movido a energia humana. Enquanto busca o lugar ideal para junto ao público lançar seus foguetes, suas ideias ao ar, o triciclo vai sendo desmontado e transformado em base de lançamentos e instrumentos de precisão, pressão e comichões.

Esta cenografia funcional construída através da reutilização de materiais do cotidiano, é uma das peculiaridades do inventivo Luciano Wieser. Todos os trabalhos do grupo, que completa 37 anos em 2025, possuem materiais reutilizados, ressignificados, rememorados, retrabalhados, ressuscitados, de alguma forma nas cenas. O ator é frequentador assíduo de ferros-velhos, feiras de antiguidades, biques, todos os cantos possíveis na busca de materiais para dar vazão ao seu

manancial criativo. Quando está à procura, ele observa que histórias revelam os objetos esquecidos.

Em meio a ferrugem e corroídas matérias o artista vai livremente experimentando novas criações e redefinindo uma outra perspectiva de vida para os materiais. Transformados em objetos de arte, animam as vidas de quem assiste, participa, vibra energeticamente, estabelecendo um novo patamar de consciência. O sucesso, ou não, do lançamento dos foguetes no final do espetáculo, nos parece um exemplo pródigo da importância de todo o processo de trabalho do Grupo De Pernas pro Ar. Tudo está interligado, desde o primeiro encontro com a matéria abandonada, enferrujada, até a excelente estética funcional do teatro de maquinárias. A física quântica vai do estado estático ao estado de potência máxima, que se concretiza com o final do espetáculo.







O Intercâmbio



Na perspectiva de aproveitar a visita de um grupo convidado, o projeto Arte no Moinho previa, em turno inverso, um encontro cultural de pesquisa. Aos domingos pela manhã, se criou um momento de algumas horas, que oportunizasse as duas companhias teatrais de cada etapa, constituídas da Ueba Produtos Notáveis e o Grupo De Pernas pro Ar, neste final de semana, trocar experiências, estabelecer debates e diálogos, experimentar novas vivências cênicas, desenvolver outras possibilidades artísticas e trocar conhecimentos. A intenção é que cada grupo saísse impactado e com novas ideias para continuar suas atividades. Ao final, como planejado, eu, Márcio Silveira, além de conduzir, mediando os intercâmbios, também produziria um pequeno compêndio de escritos sobre o que ocorreu nesses cinco encontros. Eis que temos aqui, agora, este material editado.

Como estruturação desta parte do encontro, procuramos estabelecer alguns pontos importantes para início de conversa e depois seguiríamos balizando na toada da caminhada conforme as direções que fossem sendo tomadas, em cada encontro. Sob a perspectiva histórica, aspectos das práticas, produções, poéticas, estéticas, modos de organização e seus desdobramentos, sempre foram importantes na costura das trocas durante o intercâmbio.

Nesse sentido, os pontos basilares foram: produção, criação, fomento, difusão, fruição, memória, mediação, formação. Frisando

sempre que a tônica mais interessante para o Grupo Ueba Produtos Notáveis, era tratarmos dos processos criativos na elaboração dos espetáculos presentes no Projeto Arte no Moinho. Que evitássemos falar demais sobre as enchentes de 2024 e o que elas nos causaram, pois, a tragédia climática que nos atingiu drasticamente, ainda ecoava sem parar e tomava conta do intercâmbio. A partir destes acordos, retomados em todos os encontros, o grupo convidado iniciava um breve histórico de seu surgimento e depois do processo de criação do espetáculo que seria apresentado na tarde do domingo. Após, o Grupo Ueba, anfitrião, também explanava sobre sua trajetória e criação do trabalho apresentado no dia anterior.

Longe da pretensão de dar conta de abordar tudo que foi dialogado, intercambiado e produzido durante as frutíferas horas entre os coletivos, estabeleço aqui destaques de um pequeno conjunto de anotações feitas no calor do debate, das trocas adrenalizadas, entre correrias de montagem de espetáculo e intervenções climáticas.

Grupo De Pernas pro Ar:

Sobre o Lançador de Foguetes, Raquel Durigon relatou que tudo teve início em 2006, a partir de uma traquitana que Luciano Wieser colaborou num experimento do filho Txai, para uma feira de ciências da escola. A intenção era lançar um foguete e na medida que foram pesquisando, as ideias para um trabalho cênico ganharam forma na mente de Wieser.

Um dos princípios criativos do De Pernas pro Ar é a artesanaria teatral. Sendo um coletivo familiar, partiram dos diálogos e experimentos iniciais dentro de casa até os testes com público nas ruas. Então, Luciano relata que aquele ato curto de um cientista chegando para lançar um foguete, foi ganhando corpo através das

intervenções do público curioso com os detalhes dos materiais, chegando a um momento de todos os materiais estarem espalhados pelo chão e aos poucos se transformarem num triciclo e depois, após um deslocamento espacial, também numa base de lançamentos.

A percepção de Wieser, a partir do formato de ocupação do espaço com os materiais, o ato curto, performático, foi ganhando tempo de duração e mais participações dos espectadores. A encenação vai se condensando num misto das linguagens do circo, do teatro de rua, do teatro de animação e dos elementos científicos da física. Uma jornada da artesanaria teatral ao rigor da técnica e vice-versa.

O integrante Tayhú Durigon Wieser, relata que aos poucos o grupo vai inserindo nos trabalhos elementos da robótica, eletrônica. Melhorando as partes técnicas do espetáculo e ampliando a inserção das novas tecnologias na encenação. Nesse sentido, Tayhú é responsável pela animação digital presente nos trabalhos do grupo. Sempre pensando em novas possibilidades ele interfere, cria, reformula, sugere mudanças e improvisa em cena com os mecanismos digitais.

Os trabalhos do grupo primam pela simbiose precisa da artesanaria dos materiais abandonados com as novas tecnologias digitais. É uma característica destacada na bela trajetória do De Pernas pro Ar. Parte desses processos podem ser conferidos no site, no canal, filmes e redes sociais do coletivo, bem como, na produção bibliográfica que agora inicia, em prol do registro e memória do grupo, com o livro *Tem Ferrugem no Museu? Máquinas de cena da Última Invenção* (2023). Recomendamos também, que sejam pesquisadas em repositórios acadêmicos inúmeros artigos e trabalhos científicos sobre o grupo.

Grupo Ueba Produtos Notáveis:

Jonas Piccoli, nos relata que o espetáculo *Circo Z e Z* é sequência de outro trabalho que o grupo tem com estes palhaços. O

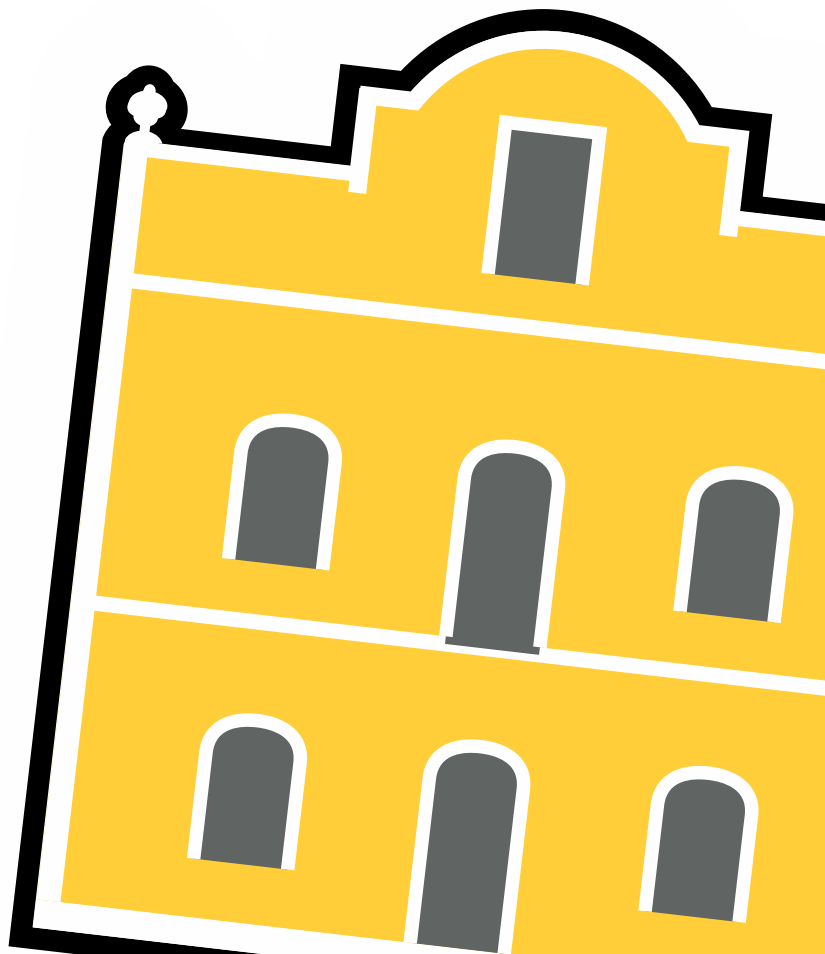
trabalho Zão e Zoraida – Mapa para brincar, que surgiu entre 2005 e 2006, tinha uma linha dramática que por meio das gags, reprises e entradas clássicas de palhaçaria, serviu muito para dar experiências para os dois atores. Seus palhaços viajaram pelo país inteiro e alguns países da América do Sul. Fato que propiciou muitas trocas e vivências com grandes mestres e mestras da área e que com o passar das décadas sentiram a necessidade de criar um trabalho que fosse sequência, pois ficava em aberto o final do primeiro trabalho. Que se resumia ao desejo de Zão e Zoraida em montar um circo e viajar.

Aline Zilli, reflete que ambos tendo o domínio de mais técnicas de palhaçaria, ou seja, foram amadurecendo junto com os dois palhaços, poderiam estabelecer uma sequência de números de circo, adaptados à ideia de um quintal de uma casa com pátio grande. Assim procederam e com o passar do tempo sentiram que havia a necessidade de uma lona de circo e assim criaram um pequeno circo a partir de materiais que se poderia encontrar na casa de qualquer pessoa. Aos poucos a estética foi ficando mais elaborada e na profusão criativa de ambos, foi preciso delimitar quais as cenas seriam usadas.

Uma das características do grupo é essa profusão criativa de cenas e novos trabalhos. Incansavelmente a trupe segue criando novos espetáculos a cada ano. Em Circo Z e Z, podemos perceber que quando em cena os dois atores com apenas rápidos olhares já sabem que uma cena irá mudar, que um deles poderá ser surpreendido pelo improvisado do outro e assim segue um novelo de situações cômicas.

Para Maicon Lionço, a dosagem da energia do seu palhaço, é tão intensa que percebe quando a energia oscila entre a do Palhaço Branco e do Palhaço Augusto. Há uma mudança comportamental que as vezes se torna difícil de segurar, dosar na medida certa em cena. Fato que demonstra que o ator segue buscando o aperfeiçoamento do seu trabalho de palhaço.

O grupo busca, além do divertimento que a palhaçaria possibilita, também ampliar os processos de formação de plateia na cidade e em especial no Espaço Cultural Moinho da Cascata. Por meio de criações de trabalhos e apresentações recorrentes no espaço, acredita que os palhaços têm uma efetiva fruição junto ao público e que permite uma mediação mais frutífera. São elementos que denotam a potencialidade de impacto que o trabalho do grupo efetivado.







GRUPO Ueba
RIDE

GRUPO Ueba
Produtos Nativos

10
Lançador
de foguetes

AR
no m

Realização
GRUPO Ueba
Produtos Nativos

Distribuição
TACADIST

GRUPO Ueba
Produtos Nativos

Water bottles and fruit bowls on a coffee table.

RTE
Moinho

Moinho
de Caserta



Apontamentos da produção

Coragem, calor e conexão - Ueba e De Pernas pro Ar

Por Aline zilli

8 de fevereiro, às 17h – Circo ZeZ / Grupo Ueba

9 de fevereiro, às 17h – O Lançador de Foguetes / Grupo De Pernas Pro Ar

Os bastidores da primeira semana do projeto já começaram com fortes emoções. Fomos informados por Raquel Durigon, produtora do grupo De Pernas pro Ar, que o ator Luciano Wieser havia sofrido uma grave lesão no joelho — rompimento de ligamentos. Com isso, surgia a dúvida se a participação do grupo seria possível. Diante da situação delicada, todas as equipes envolvidas passaram a pensar alternativas para manter as atividades programadas, respeitando, acima de tudo, a saúde do artista.

Poucos dias depois, veio a confirmação: o grupo conseguiria participar, com algumas adaptações. Elementos mais exigentes das artes circenses seriam reduzidos, e o espetáculo poderia incluir demonstrações técnicas no lugar de execuções completas, se fosse necessário. Começamos, então, o primeiro final de semana com expectativa, cuidado e muito apoio mútuo.

A recepção do grupo convidado no sábado, iniciando pela apresentação do Grupo Ueba, funcionou muito bem. Permitiu que os artistas visitantes conhecessem com calma a dinâmica do espaço e se sentissem mais à vontade. Após o espetáculo “Circo ZeZ”, que reuniu muitas pessoas (em pleno calorão histórico no RS!), houve uma troca

espontânea entre os grupos, já mediada por Márcio Silveira, antecipando o intercâmbio formal.

O encontro oficial entre os grupos aconteceu no domingo pela manhã e foi riquíssimo. Com mediação de Márcio, os dois coletivos compartilharam suas trajetórias, escolhas de linguagem e processos criativos. A conversa fluiu e aprofundou pontos em comum — inclusive estéticos — que fortaleceram ainda mais o vínculo entre as equipes.

À tarde, veio o momento mais esperado: a apresentação de “O Lançador de Foguetes”. Luciano Wieser, com o joelho enfaixado, em muletas, preparou-se com dedicação e coragem. Executou praticamente todo o espetáculo, sem que o público sequer desconfiasse da lesão. A reação foi intensa: a plateia vibrou a cada cena, e ao final, ao saber da condição do artista, a emoção tomou conta do Moinho. Um momento inesquecível.

Fechamos o domingo com um lanche coletivo e uma bela confraternização entre artistas e equipe de produção, já tarde da noite. Foi um começo de projeto com entrega total, afeto e muita conexão entre todos.





Il Encontro

Grupo Lumbra
Porto Alegre - RS



ENCONTRO II – Sobre um Cavaleiro e as Criaturas.

Por Márcio Silveira dos Santos

Nesta segunda etapa - final de semana, tivemos no Centro Cultural Moinho da Cascata, o encontro entre o Grupo Ueba Produtos Notáveis, de Caxias do Sul (RS) e a Cia Teatro Lumbra, de Porto Alegre (RS).

No dia 15 de março, um sábado de clima agradável, anunciando as águas de março fechando verão, com um céu nublado, o Grupo Ueba Produtos Notáveis realizou às 17h, a apresentação do espetáculo O Cavaleiro e o Dragão do Tempo para um público ávido por teatro. Lançado em 2024 para celebrar os 20 anos de estrada da trupe, a peça chama a atenção inicial pela estrutura do cenário de metal constituído de dois andares. Nele os atores circulam, atuam em todos os níveis e direções, perfazendo uma completa ocupação dos espaços cênicos, sejam em cena ou na plateia. Ocupação essa, entre o público, que é uma das fortes características do trabalho do grupo nesses 20 anos de estrada.

O Grupo foi fundado há 20 anos por Aline Zilli e Jonas Piccoli, sendo reconhecido pelas produções teatrais inovadoras, com contribuição significativa para a cena cultural da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul. Além do destaque reconhecido e premiado no teatro, com peças de produção autoral que já circularam por todas as regiões do Brasil e em outros países, o grupo tem incursão na literatura e no

cinema.

Há 10 anos, o Grupo Ueba ocupa as instalações do Centro Cultural Moinho da Cascata (1891), um edifício histórico do patrimônio cultural de Caxias do Sul (RS) que foi tombado e revitalizado, combinando tradição e modernidade em meio à natureza e próximo da área urbana. O espaço permanece aberto ao público aos finais de semana, das 14h às 19h, contando com cafeteria, biblioteca infantil e infantojuvenil, área de jogos de tabuleiro, sala de exposição, espaço *garden* com *área pet friendly*, acessibilidade e inclusividade, além, é claro, do tradicional espaço destinado às artes cênicas.

O espetáculo *O Cavaleiro e o Dragão do Tempo*, apresenta uma trupe de circo-teatro em uma única missão: contar a incrível jornada de um cavaleiro determinado a derrotar Chronos, o temível Dragão do Tempo. Destemido e corajoso, o cavaleiro embarca em uma aventura épica que promete surpreender tanto ele quanto o público a cada passo. Este é o mote do trabalho que com um humor sutil e refinado, utilizando elementos do teatro de animação, nos conta uma narrativa que ecoa em nossas reflexões. Do início ao fim proporciona uma experiência que nos instiga a uma imersão profunda, questionando por meio do riso, a condição humana e como nos colocamos diante do implacável tempo que passa.

Com dramaturgia e direção de Jonas Piccoli, as cenas se desenrolam como alegorias dos últimos anos de nossas vidas, com a particularidade dos últimos cinco, tendo o início da Pandemia da Covid-19 como marco temporal. Destaque para a cena dos cães raivosos, com ótimo efeito das máscaras nos atores, em que fica nítida a proposta do autor em nos lembrar que a linha entre a proteção e a prisão é muito tênue. Somos frágeis como a borboleta que sai do casulo e voa, sem ter a certeza do tempo de sobrevivência. Somos parte de uma natureza em conflito e a nossa passagem neste plano é um sopro de vida.

No desenrolar do espetáculo, que é conduzido/alinhado pela personagem chamada Dama - representada por Aline Zilli, que domina a cena com sua presença cênica e destacada caracterização e figurinos – há o permanente reforço da nossa luta contra os dragões do dia a dia. O público é citado como um dragão gentil, sedento pelo espetáculo, porém, se o grupo não tiver êxito será despedaçado. Uma boa alusão ao dragão feroz crítica.

O personagem do Cavaleiro, vivido por Jonas Piccoli, segue sua jornada quixotesca na ânsia de conquistas e respostas. Nos envolve com suas perplexidades diante do inusitado e cotidiano. O contraste do cotidiano absorve, devora como num caos antropofágico. Somos presas fáceis ao dragão do tempo, que nos devora paulatinamente. A canção inicial nos lembra de que estamos todos num mesmo nível dantestesco, independente da situação social.

*O tempo é feroz,
E nunca igual para alguém
Nos mostra, ano após ano,
Que ele não pertence a ninguém.*

*Seja nobre, rei ou cientista,
Ou um simples plebeu
O tempo não te pertence
Nem a você, nem a você, nem eu*

O cavaleiro recebe a sua couraça armadura. Enfrenta os diferentes tipos sociais, dragões julgadores do mais trivial. Amores, trabalho, ascensão, a vida é um campo minado. A segunda canção arremata a jornada, antes do enfrentamento do dragão mais perigoso.

*Oh rapaz, o mundo não quer ouvir,
A verdade queima como um fogo a rugir
Censuram e cortam, sem hesitar
Mas quem sabe a verdade, não pode calar
Não mude sua essência somente para agradar
Deixe seu sentimento aflorar
De você não tente fugir
Pois deixará seu coração partir
Aquele que a todos tenta agradar
Manipulado será
Em ninguém pode confiar
Pois se de si fugir
Qual caminho seguirá?*

As aprovações e reprovações são parte do cotidiano. Nos cabe refletir qual o enfrentamento diário, qual o dragão de hoje e amanhã. A encenação, deste mais recente espetáculo do grupo, é o mais filosófico e denso já criado. Notadamente teve seu início de criação no período pandêmico, e por isso traz uma densidade de ideias e questionamentos existenciais. Nos fisga! Nos leva a pensar o quanto estamos de fato apreciando a jornada de nossas vidas, na atualidade.







Criaturas da Literatura

No dia 16 de março, um domingo em que o sol por vezes se escondia atrás de nuvens, numa permanente ameaça de chuva, tivemos as 17h, a apresentação da Cia Teatro Lumbra, dentro do espaço do Moinho da Cascata, com o espetáculo de Teatro de Sombras: Criaturas da Literatura. O trabalho traz em cenas a linguagem do teatro de sombras com enredos livremente inspirados em histórias clássicas da literatura universal como Dom Quixote, Alice no País das Maravilhas e O Pequeno Príncipe.

A porto-alegrense Cia Teatro Lumbra é referência no teatro de sombras na América Latina, com prêmios, circulações, projetos artísticos e pedagógicos. Fundada em 2000, cria, investiga, produz e difunde conteúdos educativos, espetáculos e filmes. Tem obras encenadas nos principais festivais e projetos de teatro no Brasil e no exterior. Realiza vivências, experiências e assessorias que unem diferentes linhas do conhecimento transversal com as artes da cena.

Em Criaturas da Literatura, a Cia traz cenas de teatro de sombras com enredos livremente inspirados em histórias clássicas da literatura universal. Por possuir uma longa jornada na seara desta linguagem, a Lumbra se joga no experimentalismo tanto no formato da encenação, como também na livre imersão de clássicos como Dom Quixote, Alice no País das Maravilhas e O Pequeno Príncipe. O resultado é um espetáculo para todos os públicos.

Baseando-se no fato de que as histórias já são universais e que cada cidadão tem ao menos um breve conhecimento das narrativas encenadas, a Cia apresenta uma dramaturgia com poucas falas, onde cada história surpreende pela poética visual e emocional, apresentando algumas das personagens mais queridas da literatura universal. Essas obras clássicas convidam a imaginar um mundo de fantasias onde a curiosidade e as memórias acolhem o sensível de cada um.

Os sombristas Alexandre Fávero e Têmis Nicolaidis se multiplicam em muitos seres e criaturas, aos poucos vamos assistindo, ouvindo e sentindo a profusão de imagens e texturas sonoras. Com vasta experiência e pesquisa continuada com Teatro de Sombras, o elenco segue utilizando as técnicas de manipulação-animação de silhuetas, bonecos e objetos para criar as imagens projetadas em telas.

O espetáculo experimenta diferentes formatos de telas de projeção, saindo do tradicional para criar uma experiência visual mais dinâmica. Destaque para as cenas em que são projetadas imagens em bandeiras que tremulam sem parar sobre as cabeças do público, perfazendo um efeito impressionante. As narrativas de cada obra escolhida, são breves e concisas, sendo trabalhadas apenas imagens ícones, que remetem ao imaginário do espectador para cada obra literária. Foi uma forma que o grupo encontrou de otimizar e acertar precisamente o entendimento da proposta. O trabalho é dirigido por Fávero e tem o olhar mais aguçado de Fabiana Bigarella, que também é responsável por toda a produção.

O espaço do Moinho da Cascata, no segundo andar, caiu como uma luva para a encenação. São projetadas silhuetas e outras imagens tanto no telão como também nas paredes e teto do antigo moinho, produzindo uma gama de significados ao espaço e as histórias encenadas.





Criaturas

da LITERATURA

O Intercâmbio



Na perspectiva de aproveitar a visita de um grupo convidado, o projeto Arte no Moinho previa, em turno inverso, um encontro cultural de pesquisa. Aos domingos pela manhã, se criou um momento de algumas horas, que oportunizasse as duas companhias teatrais de cada etapa, constituídas da Ueba Produtos Notáveis e a Cia Teatro Lumbra, neste final de semana, trocar experiências, estabelecer debates e diálogos, experimentar novas vivências cênicas, desenvolver outras possibilidades artísticas e trocar conhecimentos. A intenção é que cada grupo saísse impactado e com novas ideias para continuar suas atividades. Ao final, como planejado, eu, Márcio Silveira, além de conduzir, mediando os intercâmbios, também produziria um pequeno compêndio de escritos sobre o que ocorreu nesses cinco encontros. Eis que temos aqui, agora, este material editado.

Como estruturação desta parte do encontro, procuramos estabelecer alguns pontos importantes para início de conversa e depois seguiríamos balizando na toada da caminhada conforme as direções que fossem sendo tomadas, em cada encontro. Sob a perspectiva histórica, aspectos das práticas, produções, poéticas, estéticas, modos de organização e seus desdobramentos, sempre foram importantes na costura das trocas durante o intercâmbio.

Nesse sentido, os pontos basilares foram: produção, criação,

fomento, difusão, fruição, memória, mediação, formação. Frisando sempre que a tônica mais interessante para o Grupo Ueba Produtos Notáveis, era tratarmos dos processos criativos na elaboração dos espetáculos presentes no Projeto Arte no Moinho. Que evitássemos falar demais sobre as enchentes de 2024 e o que elas nos causaram, pois, a tragédia climática que nos atingiu drasticamente, ainda ecoava sem parar e tomava conta do intercâmbio. A partir destes acordos, retomados em todos os encontros, o grupo convidado iniciava um breve histórico de seu surgimento e depois do processo de criação do espetáculo que seria apresentado na tarde do domingo. Após, o Grupo Ueba, anfitrião, também explanava sobre sua trajetória e criação do trabalho apresentado no dia anterior.

Longe da pretensão de dar conta de abordar tudo que foi dialogado, intercambiado e produzido durante as frutíferas horas entre os coletivos, estabeleço aqui destaques de um pequeno conjunto de anotações feitas no calor do debate, das trocas adrenalizadas, entre correrias de montagem de espetáculo e intervenções climática

Cia Teatro Lumbrá:

Alexandre Fávero nos relata que o trabalho é fruto de uma junção de outras possibilidades que forma se fragmentando e juntando com ideias do universo livresco. Trabalhar com criaturas da literatura é um campo de infinitas possibilidades para o Teatro de Sombras. Partimos da ideia sobre o que a sombra evoca no espectador, para depois ampliar essas imaterialidades das emoções.

Fabiana Bigarella conta que o trabalho da Cia foi mudando aos poucos, por necessidade, saindo do tema nacional como motor dos trabalhos, para o universal. Espreadando as possibilidades criativas da

Cia em seus 19 anos de trabalho inovador no segmento.

Têmis Nicolaidis citou que também queriam algo mais compacto, que permitisse uma itinerância maior dos trabalhos e que fosse um espetáculo constituído de quadros breves. Hoje o repertório do espetáculo pode ser variado. Há seis histórias clássicas de dez minutos cada uma. Isso deu mais liberdade ao grupo, tanto para circular como no processo criativo da animação das sombras.

Para Fávero, o espaço de ocupação também se expandiu. Podem apresentar nas ruas, feiras, de modo autônomo também com relação a fonte de energia, pois criaram uma estrutura de caixas com rodas, em que as baterias podem ser transportadas juntamente com os elementos cênicos. Bem como aos poucos passamos a dominar melhor esse formato novo e proporcionou a diminuição do tempo de criação de um novo trabalho, sendo hoje perto de três anos.

O grupo possui uma densa pesquisa prática e teórica, já tendo produzido cartilha sobre Teatro de Sombras. Também é objeto de pesquisa de teses de doutorado e mestrado no Brasil e América do Sul, sendo uma referência no segmento. Para Fávero, no campo da pesquisa, primeiro são da prática, depois aos poucos entra a teorização daquilo que desenvolvem.

Ainda seguem vivenciando e aprendendo a ocupar os espaços públicos. É um manancial de possibilidades para as sombras. As cidades e seus cotidianos, apresentam inúmeras narrativas que podem conduzir a novas cenas complexas e que necessitam de maiores aprofundamentos. Tudo está conectado a escolhas estética da Cia, do espaço ao tipo de fonte de luz, da potência do ritmo das sombras ao tipo de material das silhuetas e figuras.

É preciso mergulhar permanentemente na investigação do que a sombra nos propicia, eis o mote criativo da Lumbra.

Grupo Ueba Produtos Notáveis:

Aline Zilli discorre sobre as inquietudes no início da criação dramaturgica de O Cavaleiro e o Dragão do Tempo, no período do auge da pandemia da Covid-19. Em isolamento, se questionavam o que fariam, o que colocariam depois em cena, se houvesse um depois. Qual seria o tema que daria conta daquele período nefasto para todos no planeta. Era uma reflexão profunda, ampla e necessária, pois nada poderia dar conta de abarcar aquele período em que havia mais incertezas do que certezas sobre o dia seguinte. O tempo era realmente uma caixa de surpresas.

Para Jonas Piccoli, ao iniciar a sua escrita, desejava colocar no texto o espanto daquele momento. Mas, o espanto era maior. Era um dragão cuspiendo fogo! Havia a preocupação de sobreviver ao vírus da Covid e ao volume de contas que chegavam toda semana. Todos estavam parados, sendo a classe artística a que mais enfrentou dificuldades de sobrevivência naquele período.

Se questionando sobre o tempo passado, presente e futuro, Jonas desenvolveu a ideia de criar uma dramaturgia que fosse nutrida de todos os outros trabalhos do grupo. Tendo o fio condutor da história, passou a incluir cenas, personagens, textos, enxertando literalmente com os pedaços da história da Ueba até aquele ano. Aos poucos a pandemia foi passando e por uns três ou quatro anos o trabalho foi sendo lapidado com muita calma e perseverança.

Ao abordar o tempo e utilizando a alegoria de um dragão como símbolo de todos os percalços enfrentados pelo grupo, foi possível estabelecer escolhas mais pontuais. Em certa medida, os dois trabalhos deste final de semana possuem coisas em comum. Há uma economia de recursos específica de cada encenação. No caso do Cavaleiro, o personagem dragão, sendo uma representação do Deus

do Tempo, Chronos, em sua estrutura, enquanto boneco gigante, é repleta de materiais e pertences significativos afetivamente falando para o grupo e alguns integrantes. Há figurinos e adereços de espetáculos que não estão mais em repertório. Há roupas de parentes que já partiram para o outro plano. O efeito do personagem dragão é espetacular, mas para o elenco há outras camadas de emoções.

Tivemos neste final de semana, dois trabalhos que propõe um diálogo entre a materialidade do palco/cena e a materialidade das emoções. Ambos tiveram seus inícios atravessados pela pandemia e seu desenvolvimento enxarcado pelas enchentes de 2024. Fatos que provocaram novas camadas narrativas e uma complexidade estética na busca de uma poética mais acessível e urgente nas visualidades condutoras. Há fusões de mundos e ideias, do real ao imaginário, e vice-versa.

Para a Ueba, foi um longo mergulho, de escolhas estéticas e de transformações permanentes.





Apontamentos da produção

As sombras e o tempo - Ueba e Cia Lumbra

Por Aline zilli

13 de abril, às 16h – O Cavaleiro e o Dragão do Tempo / Grupo Ueba

14 de abril, às 16h – Criaturas da Literatura / Cia Lumbra
(convidado de Porto Alegre)

O segundo final de semana foi daqueles em que tudo flui com energia boa desde o início. No sábado, começamos cedo com a montagem do espetáculo “O Cavaleiro e o Dragão do Tempo”, do Grupo Ueba. À tarde, por volta das 14h, recebemos a Cia Lumbra, que chegou pontual para descarregar seus equipamentos e iniciar os testes técnicos no espaço interno do Moinho da Cascata.

Durante a montagem, percebemos a necessidade de escurecer ainda mais o ambiente para favorecer a visualização das sombras. A solução foi prática e rápida: cobrimos as janelas com cartolinas, garantindo o efeito necessário. Às 17h, com o pátio cheio, o espetáculo do Ueba encantou o público.

Depois da apresentação, os dois grupos permaneceram no espaço, trocando impressões, técnicas e experiências em uma conversa informal que seguiu até o jantar coletivo, regado a comida simples e boas ideias. No domingo, pela manhã, aconteceu o intercâmbio mediado por Márcio Silveira: a Lumbra compartilhou seu processo criativo, seguido pelo Ueba, e a conversa foi se aprofundando, revelando muitas afinidades entre os grupos.

Após o almoço, ainda houve tempo para uma troca prática: a

Lumbrá demonstrou soluções técnicas e materiais utilizados na criação das sombras, permitindo ao Ueba uma imersão no universo da companhia. Foi um dos pontos altos do encontro, com aprendizado prático e encantamento mútuo.

À tarde, com tudo preparado, aconteceu a apresentação de “Criaturas da Literatura”, para o público. A interação foi intensa, e ao final, Alexandre Favero convidou todos a se aproximarem para ver os objetos e mecanismos que davam vida às sombras — uma experiência lúdica que encantou adultos e crianças.

Fechamos o fim de semana com uma confraternização calorosa e já vislumbrando futuras parcerias entre os grupos.







III Encontro

Grupo
Makki Produções
Estância Velha- RS



ENCONTRO III – O sumiço das letras e uma princesa engasgada.

Márcio Silveira dos Santos

Nesta terceira etapa - final de semana, tivemos no Centro Cultural Moinho da Cascata, o encontro entre o Grupo Ueba Produtos Notáveis, de Caxias do Sul (RS) e a Cia Makki Produções, de Estância Velha (RS).

No dia 29 de março, um sábado de clima quente e agradável, fechando a semana de celebrações do dia mundial do teatro, tivemos às 16h, uma apresentação do Grupo Ueba Produtos Notáveis, dentro do Centro Cultural Moinho da Cascata, com lotação máxima, com o espetáculo O Incrível Caso do Sumiço das Letras.

O Grupo foi fundado há 20 anos por Aline Zilli e Jonas Piccoli, sendo reconhecido pelas produções teatrais inovadoras, com contribuição significativa para a cena cultural da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul. Além do destaque reconhecido e premiado no teatro, com peças de produção autoral que já circularam por todas as regiões do Brasil e em outros países, o grupo tem incursão na literatura e no cinema.

Há 10 anos, o Grupo Ueba ocupa as instalações do Centro Cultural Moinho da Cascata (1891), um edifício histórico do patrimônio cultural de Caxias do Sul (RS) que foi tombado e revitalizado, combinando tradição e modernidade em meio à natureza e próximo da

área urbana. O espaço permanece aberto ao público aos finais de semana, das 14h às 19h, contando com cafeteria, biblioteca infantil e infantojuvenil, área de jogos de tabuleiro, sala de exposição, espaço *garden* com *área pet friendly*, acessibilidade e inclusividade, além, é claro, do tradicional espaço destinado às artes cênicas.

O mote da narrativa da encenação é a questão: que aconteceria se todas as letras de uma cidade sumissem? A partir dessa provocação arrepiante, pois a situação seria um desastre, o grupo desenvolve um espetáculo dinâmico e muito divertido. Em uma cidade onde palavras, letras e livros desaparecem misteriosamente, o detetive Valter Resolve e seu assistente Funcho começam uma investigação. Com a ajuda dos cidadãos da cidade, como a bibliotecária e o cientista Dr. Treck Treck, eles seguem pistas que os levam a um suspeito. Mas será ele o verdadeiro culpado? A trama vai sendo recheada de mistérios e surpresas, onde a linguagem é a chave para resolver o enigma.

Se precisássemos de uma síntese da história, poderia ser dito que O Incrível Caso do Sumiço das Letras aborda de uma maneira divertida e criativa a importância da leitura no cotidiano das pessoas. No entanto, não se restringe a essa tônica. O espetáculo instiga o imaginário, convidando o público a participar e se sentir parte do universo de mistério da peça.

Jonas Piccoli é o autor e diretor do trabalho. Demonstra muito boa habilidade em lidar com as tramas de uma história. Aqui temos tramas e subtramas bem desenvolvidas e que ocorrem em dinâmicas sincronizadas. O fio condutor se mantém firme e sem afrouxar na sua temática central. O arco dramático de cada personagem está estruturado de forma coesa, sem pontas soltas. As camadas narrativas seguem então ocorrendo cada uma em seu tempo, provocando e instigando ao público ser um pouco detetive. A plateia vai junto com o detetive Valter Resolve e seu assistente Funcho.

Em poucos minutos de peça, a trama já está estabelecida e os personagens apresentados. Nos atemos apenas na busca do desfecho de tal mistério que assola uma cidade inteira. Que aliás, a Cidade de Xiasca Lusdo é um jogo de palavras que o autor criou para homenagear a sua cidade natal Caxias do Sul.

Destaque para o ator Maicon Lionço que interpreta o ajudante de detetive, Funcho. O personagem, com laivos de Arlequim, toma conta das cenas cômicas da peça. Como ajudante, subalterno aos comandos dos demais, Funcho, é a representação do cidadão que vive em apuros na vida. Todo atrapalhado, tenta desvairadamente uma forma possível de conquistar o seu lugar ao sol, e conseguir o sucesso na carreira de investigador. Em certos momentos, Funcho dá a tônica para o desencadear das cenas que levam a novas pistas, para encontrar o ladrão de letras.

No contraponto das cenas, Valter Resolve serve de escada para cenas cômicas de Funcho e Dr. Treck Treck. Na solução da trama, que aqui não diremos, é muito engenhosa. O trabalho voltado para um público infante juvenil, não subestima o seu espectador. De forma inteligente e instigadora, o público é provocado a decifrar o mistério com pequenas intervenções de algo estranho em meio ao cenário. De forma muito sutil segue dando pistas e cabe ao espectador juntar as peças deste quebra cabeça cênico.







A princesa engasgada

No dia 30 de março, um domingo de clima bem quente e de sol a pino, foi realizada às 16h, dentro do espaço do Moinho da Cascata, com lotação máxima, o espetáculo A Princesa Engasgada, da Cia Makki Produções. Fundada em 2008 por Cássio Schonarth e Ana Makki, a Makki Produções é especializada em espetáculos em todos os lugares para crianças de todas as idades. Em suas montagens, a companhia teatral valoriza o raciocínio e a capacidade de compreensão das crianças, buscando fazer elas refletirem e se divertirem através do lúdico.

O grupo intitula o seu trabalho de “teatro para crianças de todas as idades” ao invés de teatro infantil, pois produz espetáculos que proporcionam uma relação de sentido para a criança de cada um. São espetáculos para a família inteira aproveitar, refletir e se divertir. Utilizando de cenários fáceis de transportar, que podem ser montados em qualquer lugar, a Makki Produções investe na democratização da cultura. A versatilidade característica do grupo, permite que o seu repertório seja apresentado nos mais variados espaços.

Nessa perspectiva foi montada a peça A Princesa Engasgada. Um espetáculo calcado na comédia para todas as idades, que traz uma montagem dinâmica e lúdica, com uma estética e ambientação que remetem às cortes medievais. Sua narrativa conta a história de um camponês que é confundido com um médico e acaba sendo obrigado a

curar a filha do rei. O problema da princesa era estar engasgada com uma espinha de peixe. A perspicácia, a sorte e a esperteza do camponês fazem dele, de forma instantânea, que até lembra os influencers digitais da atualidade, o médico mais famoso de todo o reino.

A dramaturgia é baseada em uma lenda medieval que também serviu de inspiração para o dramaturgo francês Molière escrever "O médico à força", um de seus textos mais encenados em todo o mundo. A Cia utiliza a linguagem da farsa como forma de expressão para encenar A Princesa Engasgada. Que de fato corrobora para a dinâmica das cenas e de atores em cena que trocam os figurinos e adereços diante do público que a tudo testemunha. Os dois atores seguem se revezando para dar vida às peripécias de cinco personagens, em uma montagem dinâmica rápida, digna de uma boa farsa, que provoca o riso diante das peripécias do atrapalhado cidadão que virou médica de uma hora para a outra.

A crítica embutida na encenação, sobre os interesses sociais, como casamentos arranjados, compra de opiniões, hipocrisia em prol de vantagens sobre o outro, está na medida. O preciso tom de farsa cômica, torna mais leve as subtramas das críticas sociais e esse plano de aparências vai ganhando forma até o desfecho surpresa da coesa encenação. Todos de todas as idades entendem a mensagem do espetáculo e na medida certa da licença poética, se jogam no riso frouxo.

Destaque para a boa utilização de formas animadas nas cenas. O grupo, que possui vasta experiência na contação de história, soube dosar e manipular os objetos e adereços nas sutis transformações de personagens, garantindo um ritmo consistente do início ao fim.





O Intercâmbio



Na perspectiva de aproveitar a visita de um grupo convidado, o projeto Arte no Moinho previa, em turno inverso, um encontro cultural de pesquisa. Aos domingos pela manhã, se criou um momento de algumas horas, que oportunizasse as duas companhias teatrais de cada etapa, constituídas da Ueba Produtos Notáveis e a Cia Makki Produções, neste final de semana, trocar experiências, estabelecer debates e diálogos, experimentar novas vivências cênicas, desenvolver outras possibilidades artísticas e trocar conhecimentos. A intenção é que cada grupo saísse impactado e com novas ideias para continuar suas atividades. Ao final, como planejado, eu, Márcio Silveira, além de conduzir, mediando os intercâmbios, também produziria um pequeno compêndio de escritos sobre o que ocorreu nesses cinco encontros. Eis que temos aqui, agora, este material editado.

Como estruturação desta parte do encontro, procuramos estabelecer alguns pontos importantes para início de conversa e depois seguiríamos balizando na toada da caminhada conforme as direções que fossem sendo tomadas, em cada encontro. Sob a perspectiva histórica, aspectos das práticas, produções, poéticas, estéticas, modos de organização e seus desdobramentos, sempre foram importantes na costura das trocas durante o intercâmbio.

Nesse sentido, os pontos basilares foram: produção, criação, fomento, difusão, fruição, memória, mediação, formação. Frisando

sempre que a tônica mais interessante para o Grupo Ueba Produtos Notáveis, era tratarmos dos processos criativos na elaboração dos espetáculos presentes no Projeto Arte no Moinho. Que evitássemos falar demais sobre as enchentes de 2024 e o que elas nos causaram, pois, a tragédia climática que nos atingiu drasticamente, ainda ecoava sem parar e tomaria conta do intercâmbio. A partir destes acordos, retomados em todos os encontros, o grupo convidado iniciava um breve histórico de seu surgimento e depois do processo de criação do espetáculo que seria apresentado na tarde do domingo. Após, o Grupo Ueba, anfitrião, também explanava sobre sua trajetória e criação do trabalho apresentado no dia anterior.

Longe da pretensão de dar conta de abordar tudo que foi dialogado, intercambiado e produzido durante as frutíferas horas entre os coletivos, estabeleço aqui destaques de um pequeno conjunto de anotações feitas no calor do debate, das trocas adrenalizadas, entre correrias de montagem de espetáculo e intervenções climáticas.

Cia Makki Produções:

Cássio Schonarth, antes de falar do grupo, rememora todo o processo da sua trajetória junto a gestão de coletivos, destacando a importância do envolvimento de casais nas fundações e continuidade dos trabalhos de muitos grupos do Rio Grande do Sul. Por ter sido também artista de circo, relata essa vivência como parte essencial do trabalho dos grupos que trabalhou e da constituição da Makki Produções.

Ana Makki, que havia trabalhado em grupos de pesquisa do trabalho do ator, funda a Cia juntamente com Cássio, sem esquecer essa vertente da necessária preparação do artista para entrar em cena. Fator

esse que vai contribuir de forma salutar para sua incursão, com mais ênfase, na seara da contação de histórias. Também conta que os primeiros trabalhos da Cia precisavam caber num carro Fiat Doblo, pois além do casal de artistas, havia o cenário, equipamentos e as crianças, que foram chegando com o passar dos anos. Ambos afirmam que mesmo tendo sido tempos difíceis, foi o que propiciou muito aprendizado em produção cênica. Hoje o casal, tanto como grupo, como também exímios produtores, são muito reconhecidos e se tornaram referências pelo trabalho continuado nessas áreas.

Cássio cita o lema da Cia: Teatro para crianças de todas as idades e qualquer lugar. Na perspectiva da produção cultural, o fato de ampliar o leque possibilidades de espaços para a encenação e criar trabalhos cênicos direcionado para todas as idades, propiciou a Cia uma maior gama de contratações, pois todos precisam sobreviver e manter seu trabalho continuado. Sem perder a qualidade estética das obras, lembra Ana. Pois se discute muito no grupo e com outros artistas que agregam em encenações maiores do coletivo, sobre o se o que fazem é Arte ou Entretenimento. São provocações que estimulam a busca pela qualidade e identificação com seus espectadores. Eis uma das potentes características da Cia.

Sobre a seara da contação de histórias, mais desenvolvida pela atriz Ana Makki, nos relata que apropriar-se de uma história, publicada ou da oralidade, autoral ou de domínio público, muda conforme a sua forma narrativa. Todas as histórias carregam múltiplos significados e vamos desenvolvendo as nuances certas no decorrer das práticas. Quando se conta uma história para alunos, por exemplo, observamos depois nos diálogos, que cada aluno atribuiu um sentido para aquela narrativa. É a partir desse primeiro contato e sua experiência de vida, somados a capacidade de transmissão da obra pela contação, que se amplia o horizonte de expectativa de quem absorveu a história.

Nesse caminho que nas montagens da companhia teatral, são valorizados o raciocínio e a capacidade de compreensão das crianças, buscando fazer elas refletirem e se divertirem através do lúdico. Fato que me faz perceber o quanto a Cia realiza um tipo de transcrição das narrativas. Transpõe as camadas narrativas de uma história, ressignificando para um novo contexto, como o ambiente escolar por exemplo. Uma camada lúdica vai se construindo pela narrativa oral e o resultado é a junção das nuances dos diferentes tons de voz e a corporeidade da dupla de atores no trabalho apresentado no projeto Arte no Moinho.

O grupo intitula o seu trabalho e pesquisa de “teatro para crianças de todas as idades” ao invés de teatro infantil, pois produz espetáculos que proporcionam uma relação de sentido para a criança de cada um. São espetáculos para a família inteira aproveitar, refletir e se divertir. Utilizando de cenários fáceis de transportar, que podem ser montados em qualquer lugar, a Makki Produções investe na democratização da cultura. Essa versatilidade permite que as peças do seu repertório sejam apresentadas em diferentes e variados espaços. São elementos que qualificam a obra da Cia e o trabalho de seus artistas. No momento a Cia segue criando, nesse sentido, um novo trabalho a partir das memórias e vivências dos ancestrais de Ana Makki, que vieram para o Brasil há muitas décadas.

Grupo Ueba Produtos Notáveis:

Jonas Piccoli, autor e diretor do espetáculo O Incrível Caso do Sumiço das Letras, nos conta que a ideia inicial vem sempre de um insight durante leituras e processos de criação. Artista também do campo das letras, Piccoli tem uma pilha de livros publicados, sendo a maioria voltada para o público infanto juvenil. Seara que produz muito e

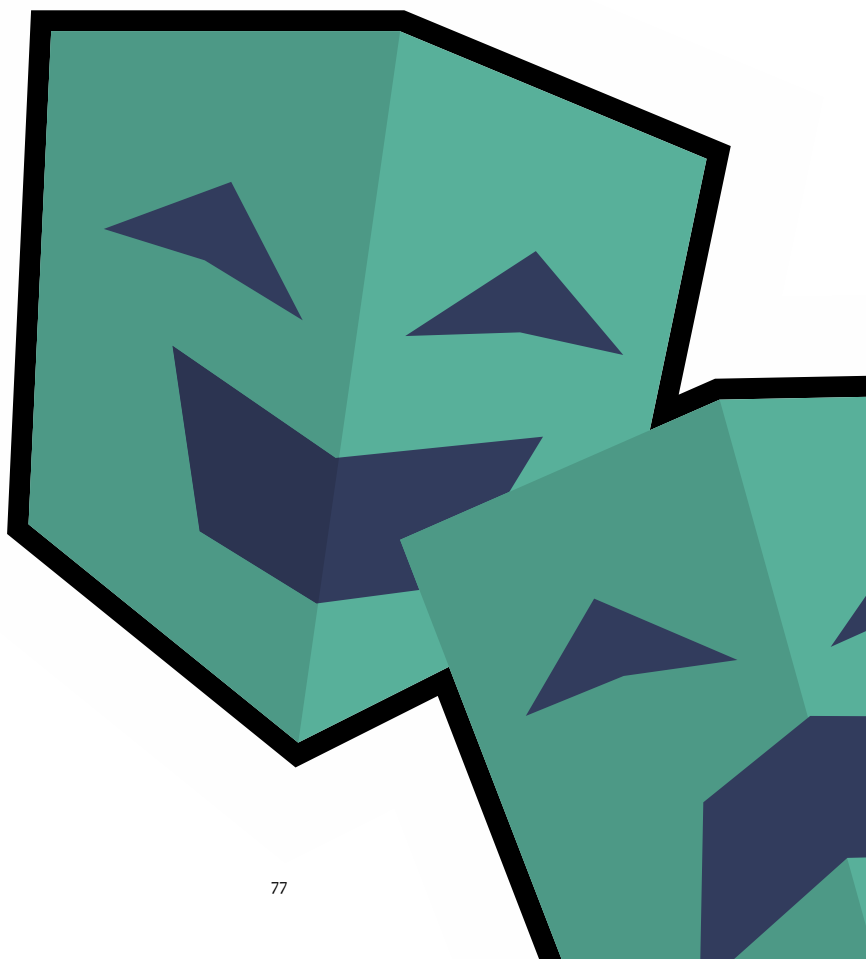
com competência. Toda criação parte de um desafio que faz a si mesmo e que aos poucos vai compartilhando com os demais artistas do grupo.

O mote da peça apresentada neste final de semana é o mistério que assusta se imaginarmos um dia acontecer. Sumir todas as letras de uma cidade poderia acarretar um emburrecimento da população. Poderia gerar uma horda de futuros analfabetos, ou uma incomunicabilidade que provocaria o colapso nas comunicações e por consequência também nas relações sociais. Como bom leitor de mistérios e livros de ficção, Jonas cria uma narrativa que vai de forma lúdica abordar um tema que poderia ser uma tragédia. Mas, se tratando de uma possível leitura alegórica dos tempos atuais, podemos indagar se já não está ocorrendo tal sumiço. Provavelmente sim, em diferentes formas na sociedade que vive nos tempos líquidos da contemporaneidade e aí reside a qualidade do trabalho na ótica do grupo. Falar de assuntos complexos com um formato lúdico e direto.

Aline Zilli, por sua vez, destaca que o grupo tem desenvolvido um exercício prático de todos atuarem em todos os personagens de uma quantidade razoável de espetáculos do repertório do grupo. O Incrível Caso do Sumiço das Letras é um deles. O elenco presente no intercâmbio, neste momento começa a listar quais personagens cada um já fez e alguns enumeram a quantidade de vezes. Fato que eleva a qualidade e domínio que cada um tem das narrativas de cada espetáculo. Se torna um exercício salutar e necessário para o trabalho do ator.

Outra característica destacada pelo diretor e atores é que a obra é aberta na sua concepção. A dramaturgia possui um fio condutor, todos sabem o início, meio e fim. No caminho do desenvolvimento de cada apresentação algumas peças/cenas se mudam na sequência do desenrolar da trama. Processo que tira o ator da zona de conforto. Provoca a atenção total para possíveis improvisos e ampliações de

cenar. Muitas vezes, segundo os atores Maicon Lionço e Pablo Beluck e Maicon Almeida, é preciso contar um colega durante o alongamento das cenas, de forma cênica e dentro do personagem, para que o fio da história não fique difícil de ser retomado. Em suma, se divertem em cena e esse processo torna o trabalho vivo e latente, a cada apresentação.



ARTE
moimho



Apontamentos da produção

As comédias e os engasgos

Por Aline zilli

27 de abril, às 16h – O Incrível Caso do Sumiço das Letras / Grupo Ueba

28 de abril, às 16h – Espetáculo infantil / Makki Produções

O terceiro final de semana foi um mergulho no teatro voltado ao público infantil. No sábado, o Ueba apresentou “O Incrível Caso do Sumiço das Letras” para uma plateia lotada. As crianças estavam acomodadas nos banquinhos e cadeiras, enquanto os adultos ocuparam as arquibancadas montadas para o espetáculo. O calor era intenso, então deixamos as janelas abertas e ventiladores ligados para amenizar a temperatura.

O grupo convidado, Makki Produções — formado por Cássio, Ana e suas filhas — acompanhou a apresentação e, após uma breve conversa inicial, preferiu retornar ao hotel para descansar da viagem. À noite, todos se reencontraram para o jantar, onde começou uma conversa descontraída, mas rica em trocas e reflexões.

No domingo, pela manhã, os grupos participaram do intercâmbio teatral mediado por Márcio Silveira. O foco da conversa foi a produção de teatro infantil nos tempos atuais: como equilibrar humor, respeito à inteligência das crianças e as exigências das novas gerações. A conversa revelou afinidades e desafios comuns.

À tarde, foi a vez do grupo Makki se apresentar no espaço superior do Moinho, mais protegido do calor. A adesão foi enorme —

muitas famílias retornaram com amigos, e algumas crianças que haviam assistido no sábado voltaram com entusiasmo. Infelizmente, cerca de 30 pessoas ficaram de fora por falta de espaço. Ainda assim, o clima foi de festa e celebração. Foi um fim de semana potente, de casa cheia e muita entrega.





IV Encontro

Grupo
Ritornelo
Passo Fundo - RS



ENCONTRO IV – Um Mapa para Brincar na Faixa de Graça.

Márcio Silveira dos Santos

Nesta quarta etapa - final de semana, tivemos no Centro Cultural Moinho da Cascata, o encontro entre o Grupo Ueba Produtos Notáveis, de Caxias do Sul (RS) e o Grupo Ritornelo de Teatro, de Passo Fundo (RS).

o dia 05 de abril, tivemos um sábado à tarde com um sol na medida para aquecer o corpo após uma manhã fria de outono. Já o coração seguiu aquecido com a excelente apresentação do Grupo Ueba Produtos Notáveis, às 16h, com seu espetáculo de palhaçaria de rua, Mapa para Brincar. O terreno na frente do Centro Cultural Moinho da Cascata estava lotado de um público diversificado e concentrado na encenação do grupo.

O Grupo foi fundado há 20 anos por Aline Zilli e Jonas Piccoli, sendo reconhecido pelas produções teatrais inovadoras, com contribuição significativa para a cena cultural da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul. Além do destaque reconhecido e premiado no teatro, com peças de produção autoral que já circularam por todas as regiões do Brasil e em outros países, o grupo tem incursão na literatura e no cinema.

Há 10 anos, o Grupo Ueba ocupa as instalações do Centro Cultural Moinho da Cascata (1891), um edifício histórico do patrimônio cultural de Caxias do Sul (RS) que foi tombado e revitalizado,

combinando tradição e modernidade em meio à natureza e próximo da área urbana. O espaço permanece aberto ao público aos finais de semana, das 14h às 19h, contando com cafeteria, biblioteca infantil e infantojuvenil, área de jogos de tabuleiro, sala de exposição, espaço *garden* com *área pet friendly*, acessibilidade e inclusividade, além, é claro, do tradicional espaço destinado às artes cênicas.

O espetáculo *Mapa para Brincar* conduz o público a uma jornada lúdica repleta de imaginação, descobertas e brincadeiras. A peça propõe um resgate da infância. Dois palhaços se encontram e partem para uma aventura. Guiados por um mapa, eles querem encontrar a tão sonhada felicidade. Neste percurso vão tornando-se amigos, em meio a suas atrapalhadas, cheia de rimas, *gags* circenses e situações cômicas, que garantem o riso permanente da plateia, seja dos adultos ou das crianças. Ninguém escapa das traquinagens da dupla de palhaços: Zão e Zoraida.

A palhaçaria sempre esteve presente nos trabalhos do grupo, nesses 20 anos. Essa dupla do barulho é constituída pelos personagens mais longevos da Ueba. Zão e Zoraida são ícones! Do primeiro minuto de espetáculo até o retumbante final, podemos acompanhar as estripulias que se avolumam no desenrolar dos quadros repletos de *gags* circenses transpostas para um ambiente afetuoso que nos leva junto. Como se fosse um quintal imaginário, Zão e Zoraida se encontram por meio de um esbarrão qualquer. Cada uma realizando uma função, mas logo descobrem que a vontade era estar apresentando num circo e que neste espaço haveria a felicidade eterna.

Este mote, me faz olhar para o céu, observando se ali em cima daquele contexto lúdico e divertido haveria invisivelmente o que o teatrólogo Amir Haddad chama de Circo Etéreo. Para o nosso mestre Amir, integrante do Grupo Tá na Rua (RJ), o tal Circo Etéreo seria um circo que flutua pelo mundo, num multiverso, se deslocando e pairando

sobre acontecimentos que envolvam arte e felicidade. De forma a iluminar, abençoar o que estiver abaixo dele. Ali tínhamos um momento desses. Havia uma comunhão entre público e espetáculo.

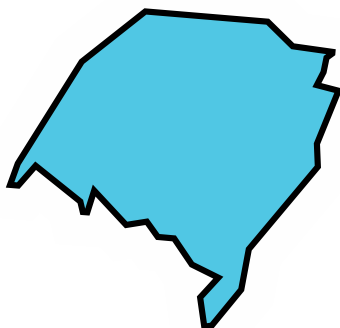
Zão é o palhaço criado por Jonas Piccoli há mais de duas décadas. Zoraida, é a palhaça criada por Aline Zilli, que também já está na estrada há 20 anos. Juntos, em cena, os palhaços e atores desenvolvem um universo particular. Buscam manter de forma permanente a energia captada da essência do universo infantil. Energia que está em conluio com a energia do palhaço. Ambos habitam recantos da nossa alma e sentidos, se jogando no espaço-tempo lúdico. O que interessa é o ato de brincar e se divertir, de curtir cada momento da vida. São elementos que causariam inveja a qualquer adulto, quando bate aquela saudade dos tempos de criança. É nesse bojo de sentimentos que a apresentação nos pega, pela naturalidade com que os dois atores se esmeram em cena.

A dupla de atores mostra o domínio absoluto do desencadear das cenas que apresenta. São ações orgânicas que ocorrem em sequência vertiginosa. Como respiro da encenação, o músico Maicon Lionço segue dando o tom musical para os entreatos e produzindo ênfases em momentos pontuais, de forma a ilustrar as ações e situações cômicas dos colegas.

Destaque para as cenas construídas com os elementos escada e um banquinho. A comicidade está bem construída e possibilita uma gama de improvisos do Zão e da Zoraida. O grupo mostra nessas cenas, que é possível fazer um espetáculo de palhaços para todas as idades com pouco material, com o que tivermos no quintal de casa. Os momentos de interação com o público foram construídos organicamente, pois há uma predisposição de aceitação por parte da plateia. O circo vive no imaginário da população. O circo é uma arte coletiva e o palhaço é uma figura emblemática, adorada que conecta as

energias por meio da graça e do riso solto.

Nesse sentido, o espetáculo conduzido pelo grupo, causa encantamento e magia. São tecidas estruturas harmoniosas entre o campo circense e a sociedade. O grupo possibilita uma ligação de reciprocidade com o público neste espaço de vínculos afetivos. Eis uma das características dos trabalhos da Ueba na seara da palhaçaria.







Na faixa de Graça

No dia 06 de abril, tivemos um domingo de muito calor. O céu sem nuvens anunciava que seria uma tarde quente durante a apresentação. O público se hidratando e se divertindo nos espaços do Moinho, as vezes nos dava a impressão de que era verão. Neste dia tivemos, às 16h, a apresentação do Grupo Ritornelo de Teatro, com o espetáculo de circo-teatro de rua Faixa de Graça.

O coletivo de artistas que compõem o Grupo Ritornelo de Teatro, de Passo Fundo, dá continuidade, a partir de 2010, a um trabalho iniciado em 1998 com o extinto Grupo Viramundos, possibilitando o seguimento de uma trajetória de montagens teatrais, investigação de linguagens e produções artísticas. Os espetáculos do grupo buscam ser acessíveis e instigantes para todas as pessoas, independentemente de sua experiência cultural, possibilitando, assim, diversas camadas de leitura para uma obra teatral, além de fomentar o pensamento crítico e a percepção estética, e afirmar o respeito à pluralidade cultural como elemento indispensável para a construção de uma sociedade mais solidária e humanizada.

O espetáculo Faixa de Graça traz à rua os palhaços Canela e Eustáquio que, desgarrados no mundo, partem na busca de uma nova terra, caminhando e tombando e tornando a tombar decidem fundar um novo país. Através do olhar ingênuo e transgressor do palhaço, procuram uma nova realidade onde a alegria, a brincadeira e a

felicidade são elementos fundamentais na construção desse novo território. Há na essência da encenação a permanente lembrança de que somos etéreos, finitos enquanto vivos e que essa vida é o que se vive com os demais. Para que a existência das comunidades seja frutífera é preciso a garantia da terra, do espaço/chão para construir vivências.

O território, enquanto espaço sagrado para o viver, enquanto uma faixa de terra para plantar, enquanto um trecho de chão para pisar, é a porção espacial onde se pode construir a cidadania. Os dois palhaços rumam numa jornada sem fim, até dar um basta e ali onde estiverem fincam os pés na terra e constroem uma nação. Mesmo que de forma provisória e com todos os defeitos e acertos possíveis de um naco de terra onde a democracia brilha.

Acompanhamos as decisões e indecisões da dupla e podemos perceber a crítica social sendo desvelada aos poucos, parcimoniosamente vão nos envolvendo nas tramas desse novo país. Mediante a mínima disputa de poder, a dupla decide pela democracia das eleições. Destaque para as campanhas políticas embaladas a canções que muito dizem sobre o processo histórico do Brasil e provoca a reflexão de como estamos e como poderemos estar em breve em nosso país. É celebrada a importância do voto, do debate construtivo, do diálogo profícuo. Há momentos em que esquecemos que são dois palhaços atrapalhados que nos mostram um universo peculiar, imaginário, distante, mas ao mesmo tempo tão perto e conhecido.

Com poucos elementos de cena, um violão e uma gaita (sanfona) a dupla funda um novo país. Sugere como esse novo território livre de amarras e ditaduras, pode ser útil e utópico. Guto Pasini e Miraldi Junior, com maestria de quem trabalha a décadas com palhaçaria e espetáculos de rua, dominam a cena como mestres. Estabelecem uma interação coesa com os espectadores. O jogo lúdico

do palhaço vai aproximando de forma ingênua e poética até notarmos o ato transgressor de criarem um lugar pra chamar de lar. Somos parte daquela praça democrática.

Desgarrados, inconformados, como todo palhaço é, a dupla não se acomoda e chega a pensar em alargar horizontes, se espriar pelo mundo. Derrubando fronteiras, pois para o riso e a alegria não há muros, não há limites. Que assim permaneça!







O Intercâmbio



Na perspectiva de aproveitar a visita de um grupo convidado, o projeto Arte no Moinho previa, em turno inverso, um encontro cultural de pesquisa. Aos domingos pela manhã, se criou um momento de algumas horas, que oportunizasse as duas companhias teatrais de cada etapa, constituídas da Ueba Produtos Notáveis e o Grupo Ritornelo de Teatro, neste final de semana, trocar experiências, estabelecer debates e diálogos, experimentar novas vivências cênicas, desenvolver outras possibilidades artísticas e trocar conhecimentos. A intenção é que cada grupo saísse impactado e com novas ideias para continuar suas atividades. Ao final, como planejado, eu, Márcio Silveira, além de conduzir, mediando os intercâmbios, também produziria um pequeno compêndio de escritos sobre o que ocorreu nesses cinco encontros. Eis que temos aqui, agora, este material editado.

Como estruturação desta parte do encontro, procuramos estabelecer alguns pontos importantes para início de conversa e depois seguiríamos balizando na toada da caminhada conforme as direções que fossem sendo tomadas, em cada encontro. Sob a perspectiva histórica, aspectos das práticas, produções, poéticas, estéticas, modos de organização e seus desdobramentos, sempre foram importantes na costura das trocas durante o intercâmbio.

Nesse sentido, os pontos basilares foram: produção, criação, fomento, difusão, fruição, memória, mediação, formação. Frisando

sempre que a tônica mais interessante para o Grupo Ueba Produtos Notáveis, era tratarmos dos processos criativos na elaboração dos espetáculos presentes no Projeto Arte no Moinho. Que evitássemos falar demais sobre as enchentes de 2024 e o que elas nos causaram, pois, a tragédia climática que nos atingiu drasticamente, ainda ecoava sem parar e tomava conta do intercâmbio. A partir destes acordos, retomados em todos os encontros, o grupo convidado iniciava um breve histórico de seu surgimento e depois do processo de criação do espetáculo que seria apresentado na tarde do domingo. Após, o Grupo Ueba, anfitrião, também explanava sobre sua trajetória e criação do trabalho apresentado no dia anterior.

Longe da pretensão de dar conta de abordar tudo que foi dialogado, intercambiado e produzido durante as frutíferas horas entre os coletivos, estabeleço aqui destaques de um pequeno conjunto de anotações feitas no calor do debate, das trocas adrenalizadas, entre correrias de montagem de espetáculo e intervenções climáticas.

Grupo Ritornelo de Teatro:

Fiz as provocações iniciais como de costume, com os grupos no início do período de intercâmbio, e Guto Pasini foi categórico na primeira frase: O Palhaço é! E seguiu falando. O palhaço é esse ser, esse corpo presente no momento de uma apresentação. Ele é energia, afeto, gosta do que faz, ele é o quiser ser! Indago sobre como ele molda a energia do palhaço Eustáquio.

Guto cita uma frase de Richard Riguetti (RJ), do diretor e dramaturgo do espetáculo, para iniciar uma possível resposta. “O palhaço é o que não sabe que errou, o que erra e esconde, o que erra e culpa o outro”. E essa energia transitória não tem como moldar, apenas procurar manter o prumo das coisas. Dosar as intensidades conforme a

situação. O palhaço muitas vezes tenta transgredir, fugir do controle, pois a rua é o espaço nobre do povo da rua, de se soltar e se perder por aí. A rua é um espaço de liberdade de expressão, mas precisamos equilibrar as emoções. As vezes nos escapa (risos), mas quando bem moldada, estabilizada, conseguimos perceber os diferentes níveis de energia e vamos trabalhando nas cenas, nas trocas entre os colegas e com os espectadores.

Miraldi explana sobre o palhaço excêntrico musical, que habita as ruas. Trabalhos essas energias de forma permanente para não perder o pique do espetáculo que tem um ritmo acelerado na maioria das cenas. Há uma musicalidade que sempre nos interessou. Nosso entendimento do que estávamos fazendo mudou com o Encontro da RBTR- Rede Brasileira de Teatro de Rua, na Cidade de Canoas (RS) em 2010. Ficou mais clara a questão do palhaço brasileiro.

Guto cita que foi um divisor de águas. O palhaço brasileiro é menos psicologizado que o clown europeu. Não é tão internalizada a energia, ela explode, se expande, abraça todo mundo. O palhaço brasileiro é mais esperançoso também. Temos os exemplos da obra de Ariano Suassuna, como o Chicó e o João Grilo. Te coloca fora da zona de conforto na cena.

Miraldi rememora o período no Rio de Janeiro, durante a criação do espetáculo com o pessoal do Grupo Off-Sina. Lá foi punk a coisa! O Richard nos colocava em situações de criação permanente, seja na sede do grupo, seja no Largo do Machado ou no Largo da Carioca. Criávamos e partíamos para a experimentação na rua, junto com o público que acompanhava os trabalhos dos grupos de lá e que com o tempo passaram a acompanhar o do Ritornelo também.

Guto reflete que foi importante esse período de criação no Rio de Janeiro, pois eram atores/palhaços desgarrados do seu território. Estavam na mesma situação dos personagens da dramaturgia. Os

sentimentos e sensações de longe do nosso chão dava a sensação de exílio. Foi fundamental para entendermos o processo de criação do espetáculo proposto pelo diretor.

O Grupo Ritornelo de Teatro, desenvolve atividades ligadas à investigação e a montagem de espetáculos teatrais de sala e de rua. Além disso, realiza atividades de formação de seus integrantes, bem como oficinas abertas à comunidade e a artistas em geral. Por isso relataram também que ter um espaço é fundamental para dar sequência aos ensaios do repertório e possibilitar a formação de novos artistas na cidade. Tem dado certo no Rito Espaço Coletivo.

Que assim permaneça.

Grupo Ueba Produtos Notáveis:

Jonas Piccoli, parte da fala do Guto Pasini, mencionando que não sabe até quando conseguirá fazer o Zão. Sua preocupação é com a idade que avança e o palhaço tem uma idade bem jovem. Não sabe como o corpo responderá as necessidades do palhaço, daqui alguns anos. É uma realidade dos artistas circenses brasileiros. Alguns mudam ou deixam de fazer. Criam outros palhaços, ou características diferenciadas no palhaço que tem, a partir do corpo, idade, possibilidades do hoje. Já faz mais de 20 anos que ele faz o Zão, e sente que o Zão lhe cobra mais em cena. Que o difícil vai ser acompanhar.

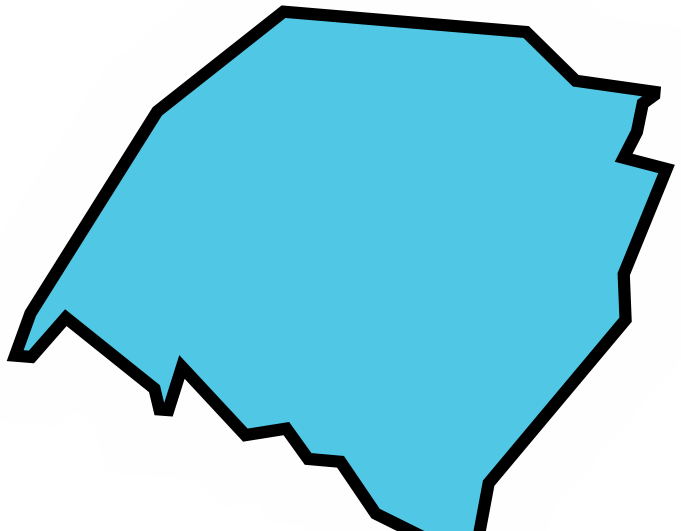
Aline Zilli relembra que a Zoraída foi criada durante os trabalhos iniciais com o Jonas há 20 anos. Que a palhaça não estava bem definida e só foi ser lapidada numa oficina da Ana Elvira Wuol, em Caxias do Sul. Foi a Ana que deu o nome pra Zoraída. E a atriz sente hoje, que a palhaça também pede mais, que precisa fazer alguma coisa com relação a isso.

Ambos citam que criar o espetáculo sequência, Circo ZeZ, foi uma forma de experimentar o que mais poderia ser feito com esses

palhaços e seus corpos. Foi possível, seguem colhendo bons frutos. Mas, criar outro espetáculo, não está no horizonte de expectativa, será muito difícil. O assunto é bem relevante. Pois conseguimos refletir sobre o peso do tempo, e situações de quando palhaços se aposentam ou desistem das carreiras. É um tema vasto e que deve nos encontrar mais a frente, na vida.

Jonas fala do contato com mestres e a importância para a formação do palhaço. Não bastava só oficinas e apresentações de circo-teatro. Com o Palhaço Pirilampo, que tinha 75 anos, hoje saudoso, fazíamos muitas práticas. Ele mostrava os tempos das gags e reprises. Corrigia o ritmo, embora soubessem que algumas referências de Pirilampo, eram dos anos 1970, que já não cabiam mais no tempo contemporâneo. Dialogavam sobre isso também, sobre esse conflito geracional.

Indago sobre a parte de formação de novas artistas. A Ueba tem o Moinho da Cascata e o Ritornelo o Rito Espaço. Respondem que no moinho se tornou praticamente impossível, pela demanda de viagens do grupo e pela dificuldade dos barulhos que os assoalhos de madeira provocam. Os espaços de ensaio e apresentações são no andar de cima, enquanto acontecem as atividades no andar superior, ninguém se ouve no andar de baixo.







ARTE



Realização

Ueba

Patrocínio

AVACADISTA

Financiamento

cultura

Apontamentos da produção

Pura palhaçada!

Por Aline zilli

5 de abril, às 16h – Mapa para Brincar / Grupo Ueba

6 de abril, às 16h – Faixa de Graça / Grupo Ritornelo de Teatro
(convidado de Passo Fundo)

4º final de semana – Ueba e Ritornelo

O quarto final de semana do projeto foi marcado pelo encontro entre dois grupos que têm na palhaçaria e na arte de rua sua espinha dorsal: Ueba e Ritornelo. No sábado, o Ueba apresentou “Mapa para Brincar”, e no domingo foi a vez do espetáculo convidado “Faixa de Graça”.

As apresentações aconteceram ao ar livre, aproveitando o clima agradável. O público compareceu em bom número nos dois dias, e o formato de rua contribuiu para uma atmosfera leve e acolhedora. Foi bonito ver a conexão entre os artistas e a plateia.

O intercâmbio entre os grupos aconteceu de forma bastante fluida. Ambos têm em comum o fato de gerenciarem seus próprios espaços e desenvolverem pesquisas cênicas centradas na comicidade. A mediação de Márcio Silveira no domingo trouxe ainda mais profundidade às trocas, que foram pontuais, reflexivas e bastante produtivas.



V Encontro

Tribo de atuadores

Ói Nóis Aqui

Traveiz

Porto Alegre - RS



ENCONTRO V – As Aventuras do Fusca à Vela e M.E.D.E.I.A.

Márcio Silveira dos Santos

Nesta quinta etapa e último final de semana do projeto, tivemos no Centro Cultural Moinho da Cascata, o encontro entre o Grupo Ueba Produtos Notáveis, de Caxias do Sul (RS) e a Tribo de Atuadores Ói Nóiz Aqui Traveiz, de Porto Alegre (RS).

No dia 30 de maio, tivemos um sábado de vento frio, com um sol que não aquecia muito. Um dia clássico de outono, sem chuvas. Para o último sábado do projeto Arte no Moinho, às 16h, o Grupo Ueba Produtos Notáveis reservou apresentar o espetáculo As Aventuras do Fusca à Vela. O pátio do Centro Cultural Moinho da Cascata estava lotado, não havia espaço para se locomover. O público se apertava para garantir um melhor ângulo de visão do Fusca, que já estava preparado em cena.

O Grupo foi fundado há 20 anos por Aline Zilli e Jonas Piccoli, sendo reconhecido pelas produções teatrais inovadoras, com contribuição significativa para a cena cultural da Serra Gaúcha e do Rio Grande do Sul. Além do destaque reconhecido e premiado no teatro, com peças de produção autoral que já circularam por todas as regiões do Brasil e em outros países, o grupo tem incursão na literatura e no cinema.

Há 10 anos, o Grupo Ueba ocupa as instalações do Centro Cultural Moinho da Cascata (1891), um edifício histórico do patrimônio

cultural de Caxias do Sul (RS) que foi tombado e revitalizado, combinando tradição e modernidade em meio à natureza e próximo da área urbana. O espaço permanece aberto ao público aos finais de semana, das 14h às 19h, contando com cafeteria, biblioteca infantil e infantojuvenil, área de jogos de tabuleiro, sala de exposição, espaço *garden* com *área pet friendly*, acessibilidade e inclusividade, além, é claro, do tradicional espaço destinado às artes cênicas.

A peça *As Aventuras do Fusca à Vela*, que completa 10 anos em cartaz no repertório do Grupo Ueba em 2025, traz a narrativa de um jovem que encontra em um ferro velho uma figura muito interessante, um senhor que diz ser o sobrevivente do Pequod, o legendário navio baleeiro que tentou caçar Moby Dick. Ele acaba embarcando na imaginação do capitão e parte, junto com o público, a navegar em águas tempestuosas atrás da baleia. Com uma abordagem criativa e inovadora, o espetáculo utiliza figurinos e adereços que provocam o inusitado, levando o público a uma jornada imaginativa.

No enredo da narrativa, o Fusca, em sua transformação, deixa de ser um simples veículo terrestre e se transforma em um barco à vela, ou mais especificamente, um "fusca à vela", tripulado por piratas. Essa metamorfose provoca uma experiência visual e emocional que instiga o público a embarcar em uma viagem simbólica com os marujos rumo ao mar, explorando a fantasia e o imaginário coletivo. Toda a narrativa acontece em torno do também icônico e legendário Fusca.

Assistir a este espetáculo é rememorar todo o processo de criação, em que estive envolvido. Elaborei a dramaturgia a partir dos conceitos gerais e das ideias cenográficas pensadas pelo ator e diretor Jonas Piccoli e cinco outras obras ligadas ao mar, além do texto clássico de Herman Melville. Quando vi o fusca pronto em cena, sozinho, com muitas crianças correndo em volta, pensei numa das curiosidades que descobri naquele ano de 2014. Durante as pesquisas surgiu a informação

de que o coração de uma baleia cachalote adulta, a mesma espécie de Moby Dick, é aproximadamente do tamanho de um Fusca. Um grande achado! Ficávamos imaginando o Fusca-coração sendo o motor do maior mamífero do planeta, e o Fusca-cenário era o coração-motor do espetáculo, tudo e todos orbitando em torno do Fusca.

Agora ali estava ele, dez anos após a sua estreia e há cinco anos que eu não assistia ao espetáculo. O Fusca então foi mais uma vez ressignificado em coração palpitante por meio dos atores que o transformam em ferro-velho, em barco baleeiro (o famoso Pequod, do Capitão Ahab), em baleia (a própria Moby Dick), e o que mais a imaginação do público presente permitir ao embarcar nas Aventuras do Fusca à vela e a equipe de atores-marinheiros do Grupo.

Jonas Piccoli segue firme como Capitão Ahab, com mão precisa também dirige os atores. A encenação está bem coesa e afinada com as atmosferas provocadas pela excelente trilha sonora. A parte técnica segue funcionando harmoniosamente com a estética geral do espetáculo. São pequenos detalhes que precisam funcionar para que o todo ocorra em sincronia, como o hastear do tecido das velas, o atear fogo na ponta do mastro central, representando o fogo de San Telmo, o esguicho da tempestade marítima.

Destaque para o trabalho do elenco na manipulação/animação do personagem fusca/baleia, especialmente na cena em que a bocarra/capô se esgarça e fica articulando até engolir por completo o corpo do Capitão Ahab. Bem como as manipulações/animações dos bonecos da Sereia, e dos dois Tubarões, que ilustram de forma espetacular o ambiente circundante do fusca.

Uma das cenas mais emblemáticas do espetáculo que gosto muito, é uma crítica direta ao sistema capitalista vigente no período de Melville e que segue latente atualmente, mas de outras formas. Há um tonel de óleo desgarrado do Fusca/Pequod, onde se lê Posto Baleia. O

pequeno tonel representa a exploração do óleo de baleia, como combustível precioso para aquela época e por isso a matança desenfreada das baleias. Nos tempos atuais, encontra eco na exploração do petróleo fóssil, com a ganância do capitalismo selvagem que ignora outras energias limpas e renováveis, provenientes de fontes que se regeneram naturalmente e que causam pouco ou nenhum impacto ambiental negativo. Ironicamente a cena encerra com a chegada de dois tubarões que levam o tonel, uma alegoria dos representantes da barbárie capitalista.

O espaço da rua é orgânico por natureza, democrático e livre para as relações humanas. E um espetáculo de teatro de rua tem que estar aberto para as intervenções dos espectadores cidadãos. Nessa perspectiva, o fato é que ocorreram algumas situações curiosas e instigantes durante algumas cenas.

No momento da tempestade marítima, que se traduz em cena por meio de um forte jato de água que jorra durante um bom tempo, da ponta do mastro da vela, dezenas de crianças começaram a se avolumar correndo em torno do fusca procurando se molhar nas gotículas que chegavam ao chão.

Outro momento foi no final da apresentação quando o Fusca/Baleia saiu nadando e engolindo o capitão Ahab, nesta sequência é tocada uma trilha sonora de batidas eletrônicas dançantes. Uma horda de crianças tomou conta do caminho de retorno do fusca para o centro da cena, dançavam calorosamente num dia de frio, como se estivessem numa festa Rave para crianças. Foram momentos hilários, que podem entre outras coisas, demonstrar o quanto o espetáculo chega/atinge o seu público.





M.E.D.E.I.A.

No dia 01 de junho, tivemos também um domingo gelado e frio, com um sol que não aquecia muito. Para este último dia do projeto Arte no Moinho, às 18h dentro do Moinho, a Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz deu início a apresentação do espetáculo M.E.D.E.I.A.

A Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz foi criada em 1978. Desde então, desenvolve pesquisas de linguagem em Teatro de Rua e na vertente intitulada Teatro de Vivência (encenação itinerante onde público e atores estão inseridos em um mesmo ambiente cenográfico para uma experiência partilhada, tornando o espectador participante da cena), além do trabalho artístico pedagógico desenvolvido em sua sede, a Terreira da Tribo, em Porto Alegre, e outros bairros populares junto à comunidade local.

A história do coletivo sempre se pautou pela afirmação da diferença, da independência em relação ao mercado e às estruturas de poder, com encenações caracterizadas pela ousadia e liberdade criativa. Na busca de uma identidade, desenvolveu uma estética própria, fundada na pesquisa dramatúrgica, musical, plástica, no estudo da história e da cultura, na experimentação dos recursos teatrais a partir do trabalho autoral do ator, estabelecendo um novo modo de atuação. Com espetáculos diversas vezes premiados, a Tribo de Atuadores recebeu a Ordem do Mérito Cultural (2015), o Prêmio Milu Vilela/Itaú Cultural 35 anos (2022) e o Prêmio Shell (2025) pela sua trajetória.

Em M.E.D.E.I.A, solo da atuadora Tânia Farias, estreado em 2022, a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz retoma a personagem protagonista do seu espetáculo "Medeia Vozes". A encenação traz para cena uma versão antiga e pouco conhecida do mito, trazendo uma mulher que não cometeu nenhum dos crimes de que Eurípides a acusa. Por mais de dois mil anos, Medeia, uma das mais poderosas mulheres da mitologia grega, é acusada de várias atrocidades, tais como fratricídio, infanticídio e envenenamento de Glauce, e é essa imagem que foi imposta à consciência ocidental que a Tribo vem negar.

O mito é questionado e ressignificado de maneira original, para analisar o fundamento das ordens de poder e como estas se mantêm ou se destroem. Medeia é uma mulher que está na fronteira entre dois sistemas de valor, corporizados, respectivamente, pela sua terra natal e pela terra para a qual foge. Ambas as sociedades, Cólquida e Corinto, apresentam na sua história um sacrifício humano fundamental, que serviu para a estabilização do poder patriarcal. Medeia é uma mulher que enxerga seu tempo e sua sociedade como são. As forças que estão no poder manifestam-se contra ela, chegando mesmo à perseguição e ao banimento. Ela é bode expiatório numa sociedade de vítimas.

Assistir a entrega da atuadora Tânia Farias em cena é poder contemplar o sublime que pode chegar uma atriz tão completa. A atriz transborda uma aura cênica quando pisa no espaço da encenação. Nota-se um semblante calmo, talvez internamente se encontre naquele momento em que a energia oscila entre silêncio e caos, para depois dar vazão a tenacidade necessária na ação da cena.

Sua Medeia são muitas medeias. São desveladas em camadas narrativas, reverberando como espíritos libertos no decorrer do espetáculo. A presença cênica de Tânia Farias vai nos envolvendo a cada cena, cumprindo um arco dramático da personagem que em mil vozes nos ecoa por dias após o espetáculo. É um primor de atuação, pois é

extremamente complexo tratar de assuntos tão pesados de uma forma que nos possibilita nitidamente entender as muitas nuances que a atriz segue desvelando. Sua intensidade em cena é sensível e avassaladora.

Ver Tânia Farias mais uma vez contracenando com Sandra Steil, mesmo que com o uso de tecnologias, é uma emoção que arrepia a espinha. O espaço sagrado da cena compartilhado por tantos anos entre irmãs, novamente se materializa e medeias ecoam em mil vozes pelo Moinho da Cascata.

Pesquisadora das ações físicas e com uma energia corporal/vocal inigualáveis, a atriz vai construindo as cenas e desconstruindo a versão de Medeia que se popularizou com os textos gregos. Sua Medeia não comete os crimes pelos quais é tradicionalmente acusada. Ela busca justiça e na medida que o espetáculo se encaminha ela aponta para os algozes históricos. Vemos a simbiose de muitas medeias em uma atuadora – fusão da artista com a ativista política – buscando também liberdade e justiça nos dias atuais.







O Intercâmbio



Na perspectiva de aproveitar a visita de um grupo convidado, o projeto Arte no Moinho previa, em turno inverso, um encontro cultural de pesquisa. Aos domingos pela manhã, se criou um momento de algumas horas, que oportunizasse as duas companhias teatrais de cada etapa, constituídas da Ueba Produtos Notáveis e a Tribo de Atuadores Ói Nóiz Aqui Traveiz, neste final de semana, trocar experiências, estabelecer debates e diálogos, experimentar novas vivências cênicas, desenvolver outras possibilidades artísticas e trocar conhecimentos. A intenção é que cada grupo saísse impactado e com novas ideias para continuar suas atividades. Ao final, como planejado, eu, Márcio Silveira, além de conduzir, mediando os intercâmbios, também produziria um pequeno compêndio de escritos sobre o que ocorreu nesses cinco encontros. Eis que temos aqui, agora, este material editado.

Como estruturação desta parte do encontro, procuramos estabelecer alguns pontos importantes para início de conversa e depois seguiríamos balizando na toada da caminhada conforme as direções que fossem sendo tomadas, em cada encontro. Sob a perspectiva histórica, aspectos das práticas, produções, poéticas, estéticas, modos de organização e seus desdobramentos, sempre foram importantes na costura das trocas durante o intercâmbio.

Nesse sentido, os pontos basilares foram: produção, criação, fomento, difusão, fruição, memória, mediação, formação. Frisando

sempre que a tônica mais interessante para o Grupo Ueba Produtos Notáveis, era tratarmos dos processos criativos na elaboração dos espetáculos presentes no Projeto Arte no Moinho. Que evitássemos falar demais sobre as enchentes de 2024 e o que elas nos causaram, pois, a tragédia climática que nos atingiu drasticamente, ainda ecoava sem parar e tomava conta do intercâmbio. A partir destes acordos, retomados em todos os encontros, o grupo convidado iniciava um breve histórico de seu surgimento e depois do processo de criação do espetáculo que seria apresentado na tarde do domingo. Após, o Grupo Ueba, anfitrião, também explanava sobre sua trajetória e criação do trabalho apresentado no dia anterior.

Longe da pretensão de dar conta de abordar tudo que foi dialogado, intercambiado e produzido durante as frutíferas horas entre os coletivos, estabeleço aqui destaques de um pequeno conjunto de anotações feitas no calor do debate, das trocas adrenalizadas, entre correrias de montagem de espetáculo e intervenções climáticas.

Tribo de Atuadores Ói Nóiz Aqui Traveiz:

Tânia Farias comenta os processos de criação de M.E.D.E.I.A, a partir de seu trabalho com a outra encenação Medeia Vozes, fora de repertório do grupo, mas que por muito tempo manteve-se presente a estrutura da encenação nos espaços da Terreira da Tribo, espaço do grupo. Seu trabalho com a pesquisa das ações físicas e a desmontagem cênica propiciaram um domínio das técnicas para aplicar em seus estados energéticos em cena.

A Antropologia Teatral é uma das vertentes de pesquisa e trabalho para a Tribo de Atuadores Ói Nóiz Aqui Traveiz. Paulo Flores relata a importância desses princípios de atuação aliados ao teatro ritual e de vivência praticado pelo grupo. Há um leque de possibilidades que

com o tempo o grupo vai depurando conforme o caminho optado para a atuação e encenação no espaço da Terreira ou nos espaços da rua e estruturas alternativas, como o próprio Moinho da Cascata.

Tânia fala do processo de trabalho vocal. A importância das caixas de ressonâncias para as ações vocais no espetáculo apresentado no projeto Arte no Moinho. Essas ações vocais qualificadas vêm com as ações físicas trabalhas por muitos anos. Precisamos de um corpo vivo em cena e para tal a preparação permanente é necessária.

O uso das tecnologias em cena também é debatido. Em M.E.D.E.I.A propicia um ganho dimensional e possibilitou que a colocassem em cena, por meio de projeções, a atriz Sandra Steil, que encantou em 2015. Atriz irmã para Tânia e que partiu muito cedo. Ter Sandra no espetáculo deu aconchego, segurança e afeto para Tânia, pois fizeram parte da excelente trajetória de Medeia Vozes. Podemos perceber o quão emocionante são essas cenas e funcionam muito bem na narrativa do trabalho.

Para o grupo encenar M.E.D.E.I.A é não só manter vivo um dos trabalhos mais premiados, destacados e preferidos do grupo, como também é manter a luta em riste, contra o apagamento histórico, a misoginia, a violência, o machismo e tantas outras atrocidades que seguem ocorrendo contra as mulheres.

Houve também um longo relato sobre a tragédia climática das enchentes em 2024, que até hoje não houve uma solução concreta para a situação da Terreira da Tribo, em Porto Alegre. O grupo perdeu todos os figurinos e instrumentos musicais. Um acervo de décadas se foi virando uma montanha de lixo e entulhos. As tratativas para um novo espaço, junto ao Governo Federal avança, mas a passos lentos.

Grupo Ueba Produtos Notáveis:

Jonas Piccoli, relata que a ideia conceitual de um Fusca com uma vela em cima, veio de forma natural na cabeça. Esses *brainstorms* que

geram ideias maravilhosas e o artista se joga acreditando no potencial do que imaginou. O espetáculo é um primor! Para ele o conflito geracional do jovem Jonas e o velho Ismael do ferro-velho, é uma síntese da social em que vivemos. São relações repletas de conflitos, mas que no fundo se complementam de forma exemplar.

Aline Zilli recorda das estruturas do espetáculo anterior O Bom Quixote, em que as materialidades da cena em grande quantidade, em certa medida, prejudicam a produção. O Fusca tem uma pegada nesse sentido de estrutura que ocupa espaço, mas é um veículo automotor e que dentro dele cabe muito material e basta rebocar o carro. O grupo foi se aperfeiçoando em otimizar grande estruturas em cena. Ainda que o espetáculo mais recente, O Cavaleiro e o Dragão do Tempo, apresente uma cenografia significativa.

Pablo Beluck lista uma série de mudanças sociais que aparecem no fusca à vela e que nesses 10 anos tiveram que ser alteradas. Mais de cunho político, como a polarização ocorridas em função das últimas eleições. Sendo um espetáculo vivo e atual, o elenco vai atualizando. O que me lembra daquelas trupes de Commedia dell'arte italiana que nas itinerâncias pela Europa, em diferentes países, atualizavam os diálogos a luz da localidade e seu sistema social.

Jonas relata sobre a tantas circulações do Fusca à vela pelo país, como as viagens por cidades do sertão cearense e a principalmente a solidariedade do povo interiorano no socorro dos perrengues passados na estrada. São essas aventuras que o Teatro de rua possibilita.

Tânia Farias faz uma fala sobre a apresentação do Fusca, principalmente no que se refere a participação das crianças, fatos que eu mencionei no texto sobre a apresentação da peça. “O jogo em cena está ótimo. O público sente e vai junto. As crianças são o sagrado, estavam acreditando, brincando junto do elenco, tomando banho de chuva”.

Eugênio, do Ói Nóis Aqui Traveiz, menciona sobre as atmosferas propiciadas pela qualificada trilha sonora: Ilo Krugli dizia que a boa trilha ativa a imaginação do público, cativa a imersão na peça.

Realmente podemos testemunhar uma excelente comunhão entre público e espetáculo, coroando com chave de ouro, ou dobrão de ouro, como diria o Capitão Ahab, o final desta edição do Projeto Arte no Moinho. Que esperamos e torcemos que haja a possibilidade de uma nova edição.

Evoé!







Apontamentos da produção

Os Atuadores e as tribos

Por Aline zilli

25 de maio, às 16h – As Aventuras do Fusca à Vela / Grupo Ueba

26 de maio, às 18h – Medeia / Tribo de Atuadores Òi Nóis Aqui
Traveiz (convidado de Porto Alegre)

O último final de semana do projeto começou com uma mudança de planos. A apresentação do grupo Òi Nóis Aqui Traveiz precisou ser remarçada, pois estavam em processo de reestrea do espetáculo “Medeia”, após ajustes provocados pelas enchentes. Com isso, a montagem foi iniciada já na manhã de sábado, adaptando o espaço interno do Moinho e limitando a capacidade de público a 100 pessoas.

Enquanto isso, o Ueba se preparava para sua apresentação no pátio com “As Aventuras do Fusca à Vela”. Foi um dia frio e ensolarado, e o público compareceu em peso — muitos pela primeira vez no Moinho. Houve mediação inicial feita por Aline Zilli, contextualizando o projeto e a apresentação. Um dos momentos marcantes foi a cena da chuva dentro do fusca, que encantou o público e envolveu as crianças de forma direta e alegre.

O intercâmbio entre os grupos, que seria no sábado, foi transferido para domingo à tarde, garantindo o descanso das equipes. Com mediação de Márcio Silveira, o encontro trouxe reflexões e afinidades profundas, abrindo espaço para escuta e conexão entre coletivos de longa trajetória.

No domingo à noite, a apresentação de “Medeia” encerrou o

projeto com força e beleza. Tânia Farias emocionou o público com sua entrega intensa, numa revisitação potente do mito. A casa estava cheia, e a recepção do público foi impactante.

Após o espetáculo, encerramos com um jantar coletivo e muitos agradecimentos. O clima era de gratidão — um fechamento potente e cheio de sentido para um projeto que mobilizou tantos encontros verdadeiros.



Artes que Giram Moinhos

por Aline Zilli

Projetos como o Arte no Moinho têm um papel fundamental na vida cultural de uma comunidade. Ao longo de meses, ele entregou uma programação sólida, sensível e gratuita, que levou arte a públicos diversos e qualificou o trabalho de artistas de várias regiões. Criou-se um ambiente fértil de trocas, descobertas e pertencimento. A cada final de semana, o público crescia de forma espontânea, muitas vezes retornando em diferentes dias. Esse tipo de resposta mostra o quanto há demanda — e desejo — por projetos que aproximem pessoas e arte de maneira honesta e acessível.

O Moinho da Cascata, onde tudo aconteceu, é um espaço carregado de memória. Um prédio que já foi silêncio por muito tempo e que agora volta a pulsar com sons, risos e aplausos. A história do Moinho se entrelaça à história da cidade, e vê-lo ocupado por crianças, idosos, estudantes, artistas e famílias inteiras é perceber o quanto ele tem a oferecer como ponto cultural. Mantê-lo ativo, no entanto, não é simples. Requer visão, planejamento e continuidade. É preciso mais do que uma boa ideia: é necessário compromisso coletivo.

Por isso, seguir com o Arte no Moinho — ou desdobrá-lo em novas ações — é necessário. Projetos assim consolidam redes entre grupos artísticos, promovem circulação de espetáculos, fortalecem práticas acessíveis e criam experiências que deixam marcas. Os intercâmbios realizados durante a programação mostraram o quanto

as trocas entre artistas podem gerar inspirações e novos caminhos de criação. Dar sequência a essa construção é uma forma de garantir que esses vínculos se mantenham vivos.

O Grupo Ueba, proponente do projeto, é um exemplo de permanência e renovação. Com mais de duas décadas de trajetória, tem mantido o compromisso de produzir arte com qualidade, diálogo e afeto. Seguir criando em grupo, no cenário cultural brasileiro, é um desafio constante — especialmente quando se busca fazer isso com consistência, mantendo valores e abrindo espaço para novas gerações. Arte no Moinho é fruto dessa caminhada: um projeto que celebra o passado, vive intensamente o presente e abre portas para futuros possíveis. É dar potência ao que já existe e criar novos caminhos para todos os envolvidos, é fazer a arte girar moinhos culturais!

